

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

TATIANE PEREIRA SALAROLI

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 03/07/2018



MARCAS DA RELIGIOSIDADE: PRÁTICAS OBSERVADAS EM DUAS ESCOLAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES - ES

VITÓRIA
2018

TATIANE PEREIRA SALAROLI

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 03/07/2018

MARCAS DA RELIGIOSIDADE: PRÁTICAS OBSERVADAS EM ESCOLAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES - ES

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos

Vitória-ES
2018

Salaroli, Tatiane Pereira

Marcas da religiosidade / Práticas observadas em duas escolas de educação infantil da Rede Municipal de Marataízes - ES / Tatiane Pereira Salaroli. -Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

viii, 89 f. ; 31 cm.

Orientador: Francisco de Assis Souza dos Santos

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 80-89

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Religiosidade. 4. Valores religiosos. 5. Escola e valores religiosos. 6. Valores morais. 7. Comportamento religioso na escola. - Tese. I. Tatiane Pereira Salaroli . II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

TATIANE PEREIRA SALAROLI

MARCAS DA RELIGIOSIDADE: PRÁTICAS OBSERVADAS EM ESCOLAS DE
EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES – ES

Faculdade Unida de Vitória


Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Francisco de Assis Souza dos Santos – UNIDA (presidente)



Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA



Doutor Antônio Vidal Nunes – UFES



Dedico este trabalho a todas as crianças que nos ensinam sobre amor, ensinam como tudo é possível, lindo, alegre e colorido. A elas, todo nosso respeito.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre me guiar com sabedoria;

Aos meus pais pela educação, base para vida e apoio em todas as caminhadas;

Ao meu esposo, Daniel e a minha filha Ana Luiza, pelo apoio, incentivo e compreensão nos momentos difíceis e nos longos momentos de ausência;

Ao meu orientador Prof. Dr. Francisco de Assis Souza dos Santos por sua dedicação, paciência e apoio ao longo desta jornada;

Aos demais familiares, amigos e colegas de trabalho pelo apoio, incentivo e contribuição;

E a todos que de alguma forma contribuíram para esta dissertação tornar-se realidade.



RESUMO

Este trabalho tem em foco analisar o uso das representações religiosas em duas escolas públicas de Educação Infantil da rede municipal de Marataízes – ES, como sendo um fator do desenvolvimento humano e social da criança, sem qualquer finalidade de expor ou catequizar para uma ou outra religião em particular. Entende-se que a infância é uma etapa muito importante no desenvolvimento do indivíduo, o que justifica o relato acerca do surgimento da Educação Infantil e da educação religiosa no Brasil e no mundo como também a abordagem das teorias de Piaget e de Vygotsky e suas contribuições para a aprendizagem. No que diz respeito às práticas pedagógicas do professor em relação ao uso do discurso religioso e sua inserção nas práticas, estas foram apresentadas de forma sucinta, ressaltando os conceitos de ética, cidadania e laicidade. Além da revisão de literatura baseada em teses, dissertações e publicações acadêmicas encontradas em sites como o google acadêmico, Scielo e outras bibliotecas digitais de algumas faculdades, o trabalho traz também uma pesquisa de campo realizada com vinte e quatro professoras de duas escolas públicas municipais da cidade de Marataízes no Estado de Espírito Santo. O trabalho procurou compreender as representações religiosas e como estas são aplicadas na sala de aula. Além disso, a pesquisa indaga se os professores utilizam a religiosidade com as crianças, como esse discurso é utilizado e qual a intenção; entender e apontar quais discursos religiosos são usados e como são inseridos na prática. As observações evidenciaram a naturalização da presença de representações religiosas na escolas públicas investigadas, sem, no entanto, desconsiderar ou desrespeitar a laicidade do espaço público e a diversidade religiosa. As atitudes das entrevistadas demonstram que ensinar e colocar em ação práticas religiosas seria sim relevante para resgatar valores já há muito esquecidos ou deixados de lado pela sociedade como respeito, amor ao próximo, bondade e gratidão entre outros, valores esses demonstrados também na mudança de comportamento de seus alunos. Entretanto, professoras capacitadas sabem como aplicar os valores religiosos apenas para agregar e não para destacar uma religião ou outra. Contudo, é necessário entender que em um país laico, é importante abordar os aspectos religiosos com cautela para não cometer enganos ou erros crassos, sendo assim é preciso tratar a religião como um domínio de ciências ou saberes que envolve a dessemelhança global, cultural e social, respeitando a diversidade.

Palavras-chave: Valores religiosos. Escola. Valores morais. Comportamento.

ABSTRACT

This study aims at analyzing the use of religious representations in two public schools of Early Childhood Education of the municipal network of Marataízes - ES, as a factor of the human and social development of the child, without any purpose to expose or catechize to one or other religion in particular. It is understood that childhood is a very important stage in the development of the individual, which justifies the report about the emergence of Infant Education and religious education in Brazil and the world as well as the approach of the theories of Piaget and Vygotsky and their contributions for learning. Regarding the pedagogical practices of the teacher in relation to the use of religious discourse and their insertion in the practices, these were presented in a biased manner, highlighting the concepts of ethics, citizenship and secularity. In addition to the literature review based on theses, dissertations and academic publications found on sites such as google academic, Scielo and other digital libraries of some colleges, the work also brings a field survey carried out with twenty-four teachers from two municipal public schools of city of Marataízes in the State of Espírito Santo. The work sought to understand the religious representations and how they are applied in the classroom. In addition, the research inquires teachers religiosity use with children, how this discourse is used and what is the intention; understand and point out which religious concepts are used and how they are inserted into practice. The observations evidenced the naturalization of the presence of religious representations in the public schools investigated, without, however, disregarding or disrespecting the laity of the public space and religious diversity. The interviewees' attitudes show that teaching and putting into action religious concepts would rather be relevant to recover values that have long been forgotten or left aside by society as respect, love of neighbor, kindness and gratitude among others, values also demonstrated in the change of behavior of their students. However, trained teachers know how to apply religious values only to aggregate and not to highlight one religion or another. However, it is necessary to understand that in a secular country, it is important to approach religious aspects with caution so as not to make mistakes or crass mistakes, so that religion must be treated as a domain of sciences or knowledge that involves global, cultural and social dissimilarity, respecting diversity.

Keywords: Religious values. School. Moral values. Behavior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 INFANCIA, EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO RELIGIOSO	16
1.1 O surgimento da Educação Infantil	19
1.2 Educação Infantil no Brasil: a problemática da religião.....	20
1.3 Breve relato sobre a educação religiosa	22
1.4 A Consolidação da aprendizagem segundo Piaget e Vygotsky.....	24
1.4.1 Desenvolvimento e aprendizagem para Piaget.....	25
1.4.2 Desenvolvimento e aprendizagem para Vygotsky	26
1.5 A diversidade como fator presente na Educação Infantil	28
2 AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁTICA DOCENTE	31
2.1 O currículo da Educação Infantil.....	37
2.1.1 As políticas educacionais	40
2.1.2 O professor e as práticas pedagógicas na Educação Infantil	41
2.2 A inserção da religião nas práticas pedagógicas	44
2.2.1 As abordagens religiosas utilizadas nas práticas pedagógicas	47
2.2.2 A dimensão ética: ensinando valores e cidadania.....	48
2.2.3 A laicidade na Educação Infantil da rede pública de ensino	49
3 CAMPO DE PESQUISA, RESULTADOS E DISCUSSÕES	51
3.1 Caracterização do município e das escolas investigadas	51
3.1.1 CMEI “Dona Lili Brumana”.....	51
3.1.2 CMEI “Priscila Ferreira da Silva”	52
3.2 Análise dos dados	54
3.3 Compreendendo e analisando os professores e suas práticas	68
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS A - Questionários aplicados às professoras do CMEI Dona Lili Brumana.....	86
ANEXOS B - Questionários aplicados às professoras do CMEI Priscila Ferreira da Silva ..	110

INTRODUÇÃO

Abordagens que envolvem temas relacionados à religiosidade podem ser inculcadas no educando para que este descubra e alcance seu papel em uma sociedade, repleta de diversidade cultural e religiosa que servirá para unir e complementar o homem social. Sabe-se que a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil precisa garantir que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil desempenhem inteiramente sua função sociopolítica e pedagógica: possibilitando a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas.

Promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância; Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa¹.

Inculcar os valores inicia-se em família e continua se desenvolvendo no convívio na sociedade, nos movimentos culturais e organizacionais e nas escolas, trata-se afinal de uma questão fundamental de uma sociedade atual, mas que está cada vez mais emaranhada em uma rede de situações e fenômenos complexos e que a cada dia exige dos profissionais da educação urgentes intervenções.

Assim, a contribuição dos professores na formação desses valores nos alunos é muito importante, pois eles apresentam uma grande influência nas mudanças comportamentais dos alunos, podendo contribuir na formação de bons pensamentos, convivência pacífica e valores éticos que se convertem em hábitos, contribuindo para muitas mudanças comportamentais.

Não se trata de uma tarefa fácil abordar a religiosidade na Educação Infantil, isto porque tradicionalmente acredita que a principal tarefa da escola é a de transmitir somente conteúdos escolares, contudo percebe-se que este modelo pedagógico não se enquadra mais às exigências da sociedade moderna.

Mas, afinal, o que são esses conceitos a serem trabalhados? Quais manifestações religiosas podem ser abordadas pelos professores em sala de aula? De que forma os professores fazem uso destas sem confundir religião e religiosidade? Será que todas as escolas optam pelo uso de tal método? Será que existe coerência entre o que é abordado na escola e o que a sociedade requer desses futuros cidadãos?

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil* / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010, p. 17.

O processo de construção desenvolve-se no convívio humano, na interação entre o indivíduo e a cultura na qual vive, na e com a qual se forma e para a qual se forma. Por isso, fala-se em aquisição de competências, à medida que o indivíduo se apropria de elementos com significação na cultura. Nesse contexto o ensino de conceitos religiosos ocupa um relevante papel educacional. Portanto, não há real construção de conhecimento sem que resulte, do mesmo movimento, de uma construção de competências.²

Após analisar a prática educativa em duas escolas de Educação Infantil da rede municipal de Maratáizes - ES, foi constatado que grande parte dos professores utiliza um discurso religioso em diversas atividades, transferindo dessa forma, suas “crenças/ opiniões” para os alunos, o que acaba refletindo em boa parte das atividades realizadas pelos educandos.

Esse discurso acaba sendo inserido em sala de aula com objetivo que o educando, de certa forma, “encontre seu papel nesse universo”, onde a diversidade cultural e religiosa servirá para unir e complementar o homem social.

Portanto:

Se a transformação de um adulto é tão difícil, pode ser mais fácil começar com os jovens. Se partimos de uma perspectiva do todo e das necessidades do nosso mundo, a educação – e, particularmente, a assistência ao crescimento do indivíduo durante a época de maior plasticidade – destaca-se como a melhor estratégia através da qual possamos inconscientemente intervir em nossa transformação evolucionária.³

A escola não pode deixar de ensinar explicitamente a prática de valores para crianças e jovens que ficam a maior parte do dia confinados dentro de suas paredes. A convivência entre as pessoas de culturas diferentes torna-se condição primordial para um clima saudável de aprendizagem. Essas novas circunstâncias criaram, às vezes, problemas de difícil solução. Desse modo, faz-se necessário que desde a tenra idade o sujeito seja estimulado a desenvolver valores sociais positivos a fim de internalizar em sua personalidade concepções capazes de levá-lo a uma convivência grupal produtiva.

Pelo simples fato de melhor compreender a relação escola x religião, aponta-se aqui que nos Parâmetros Curriculares Nacionais que discorrem sobre Pluralidade Cultural e Orientação Sexual foi proposto que o Ensino Religioso tivesse como objetivo:

Valorizar o pluralismo e a diversidade cultural presentes na sociedade brasileira, facilitando a compreensão das formas que exprimem o transcendente na superação da finitude humana e que determinam subjacente, o processo histórico da humanidade. Por isso, deve: propiciar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o

² JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25.

³ BRANDÃO, M. D. Dênis e CREMA, Roberto. *Visão Holística em Psicologia e Educação*. 2. ed.. São Paulo: Summus, 1991, p. 114.

fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando; subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informada; analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais; facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas; refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano; possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável.⁴

Além da pesquisa bibliográfica, esse trabalho pretende por meio de entrevistas feitas com professores da rede, demonstrar como é abordado o discurso religioso e quais conceitos são usados nessa formação inicial da vida do educando.

Portanto, neste trabalho procura-se entender quais são as abordagens que envolvem a religiosidade e como estas são aplicadas na escola. A pesquisa pretende realizar uma investigação baseada no conteúdo do Currículo da Educação Infantil, acerca de metodologias utilizadas pelo professor para o desenvolvimento e necessidade das crianças; Indagar se os professores utilizam o discurso religioso com as crianças, como esse discurso é empregado e com qual intenção; Investigar sobre aplicação de atividades ou temas transversais realizados por professores de Educação Infantil nas duas escolas pesquisadas da rede municipal de Marataízes-ES; Entender como são inseridos esses discursos na sala de aula; Por meio de uma pesquisa de campo apontar quais representações religiosas são usadas e qual opinião dos professores acerca da inserção de orações, musiquinhas e outros discursos religiosos na sala de aula; Procurar entender se os professores acreditam ser adequada a forma de inserirem essas abordagens e quais os impactos desses na formação inicial da vida do educando.

Por encontrar-se dentro de uma ou outra localidade, essa ou outra instituição de ensino escolar, o educando pode levar para dentro das salas de aula os problemas, os tumultos, as angústias e as mais distintas questões comunitárias que induzem educadores, educandos e gestores escolares a estabelecerem espaços, em seus projetos pedagógicos para que as crianças e adolescentes debatam e opinem sobre suas aflições e ambições particulares e coletivas.

Assim, baseando-se na assertiva de que a constituição humana e equidade moral estão atreladas ao ensino, de tal forma que possibilitem ao homem ser transformado em um novo ser, consciente, ético e, principalmente genuinamente humano, a verdadeira educação torna indispensável a ética, de tal modo que só é possível haver uma educação quando houver uma formação legitimamente voltada aos valores morais e éticos.⁵

⁴ FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 7.ed. São Paulo: Ave Maria, 2009. p. 46-47.

⁵ RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e Competência*. São Paulo: editora Cortez, 2003, p. 37.

Esta pesquisa se desenvolveu à luz da abordagem quantiqualitativa, que se propõe a uma compreensão particular e profunda dos fenômenos sociais em questão. Especificamente, a proposta foi trabalhar de acordo com os pressupostos da Pesquisa Social e Educacional, onde se refletem aspectos do desenvolvimento e da dinâmica social assim como preocupações e interesses de professores da Educação Infantil. Este referencial está fundamentado nos dados colhidos através das entrevistas e analisados a partir da significação que os atores envolvidos atribuem aos seus atos.⁶

Além disso:

Ela só pode ser conceituada historicamente e entendendo-se todas as contradições e conflitos que permeiam seu caminho. Além disso, ela é mais abrangente do que o âmbito específico de uma disciplina. Pois a realidade se apresenta como uma totalidade que envolve as mais diferentes áreas de conhecimento e também ultrapassa os limites da ciência.⁷

A convivência entre as pessoas de culturas diferentes torna-se condição primordial para um clima saudável de aprendizagem. Essas novas circunstâncias criaram, às vezes, problemas de difícil solução.

Nesta abordagem, a educação sobre os valores deve buscar a integração das dimensões do conhecer, do pensar, do viver e do agir do ser humano. Portanto, faz-se necessário que desde a tenra idade o sujeito seja estimulado a desenvolver valores sociais positivos a fim de internalizar em sua personalidade concepções capazes de levá-lo a uma convivência grupal produtiva.

Com esse intuito, será realizada uma pesquisa a campo, de abordagem quantiqualitativa utilizando o método descritivo. No momento da coleta de dados se fará uso de instrumentos como: realização do contato com a direção da escola com a solicitação de realização do trabalho, pedidos de autorização da pesquisa e dos registros, em seguida uma conversa com cada professor e agendamento da entrevista, realização das entrevistas semiestruturadas, registro de observação, levantamento de dados e observações registradas em um diário de campo.

Os dados obtidos serão processados e os resultados provenientes serão agrupados em tabelas ou gráficos que irão iluminar as intenções da pesquisa e delinear o relatório, visto que a análise estará presente em vários estágios da pesquisa.

⁶ MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes, 1994, p. 25.

⁷ Cf. MINAYO, 1994, p. 27.

Para possibilitar a comparação dos dados optou-se pelo número de 12 profissionais, para serem entrevistados, pois alguns se negaram a responder, outros simplesmente não responderam à solicitação feita, chegando a esse número em uma das escolas, o que implicou na escolha final do número dos entrevistados na outra escola.

Após a distribuição do questionário, um profissional do sexo masculino se negou a respondê-lo e, portanto foi escolhido outro para ocupar a vaga e o que por coincidência o grupo entrevistado acabou sendo formado somente por profissionais do sexo feminino. As entrevistadas trabalham nas escolas escolhidas há pelo menos 01 ano, não foram escolhidas profissionais com contratos mais recentes. As instituições em questão serão o CMEI “Priscila Ferreira da Silva” e a CMEI “Dona Lili Brumana”, escolas de Educação Infantil.

A entrevista é um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”⁸. A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é uma técnica muito utilizada no processo de trabalho de campo.

Através dela os pesquisadores buscam obter informações, como nos grupos focais, que se relacionam com os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados. A entrevista semiestruturada é usada para colher informações de uma forma imediata e direta e caracteriza o valor da entrevista frente às outras técnicas, assim;

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos... (...) Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário.⁹

A preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa e requer tempo e cuidados como o planejamento da entrevista e a escolha do entrevistado. Após o contato com a escola, será feito o agendamento com as entrevistadas, em horários disponibilizados pelas mesmas, sendo que antes da entrega do questionário será garantida a privacidade e o anonimato das mesmas.

Para que uma entrevista atenda aos seus objetivos, são necessários que alguns pontos sejam pensados com mais detalhes.

São eles: a) o pesquisador precisa ter os objetivos de sua pesquisa bem definidos; b) precisa conhecer o contexto em que pretende realizar a investigação, levando em conta as

⁸ HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 86.

⁹ LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986, p. 34.

peças que participam do universo da pesquisa e a leitura de estudos precedentes que formarão o seu foco teórico; c) conhecer o roteiro da entrevista; d) ser seguro e autoconfiante; e) possuir entendimento suficiente com o entrevistado a fim de garantir um ambiente tranquilo e que tenha um certo nível de informalidade.¹⁰

As entrevistas são importantes se o objetivo for o de mapear práticas, crenças, valores e que se forem bem feitas elas

(...) permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados¹¹.

O questionário, também chamado de *survey*, é um dos procedimentos utilizados para obter informações, contendo uma série de perguntas a serem respondidas por escrito e que são articuladas para atender a finalidades específicas da pesquisa e são as mesmas para todas as pessoas. Essa técnica garante o anonimato e apresenta elevada confiabilidade.

A dissertação é dividida em três capítulos. Assim,

Inicia-se com abordagem introdutiva que engloba a justificativa do estudo e a relevância do tema para pesquisa em educação; os objetivos, divididos em geral e específicos e a metodologia que subsidiou a aproximação do objeto de estudo em busca de respostas às questões levantadas.

O primeiro capítulo conceitua a infância e traz um relato sobre o surgimento da Educação Infantil no mundo e no Brasil, e um breve relato acerca da história da educação religiosa. Esse capítulo descreve ainda as teorias de dois autores de conceito, Piaget e Vygotsky e suas contribuições para a aprendizagem.

O segundo apresenta as diretrizes básicas e o currículo da Educação Infantil, as políticas educacionais, e as práticas pedagógicas do professor em relação ao uso do discurso religioso e sua inserção nas práticas. O capítulo apresenta também os conceitos de ética, cidadania e laicidade.

O terceiro capítulo traz a análise dos dados do campo com a identificação dos entrevistados. As observações evidenciaram a naturalização da presença de discursos religiosos

¹⁰ DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. In: Educar em Revista, n. 24, Editora UFPR, Curitiba: 2004, p. 214.

¹¹ Cf. DUARTE, R. 2004, p. 214.

na escolas públicas investigadas, sem, no entanto, desconsiderar ou desrespeitar a laicidade do espaço público e a diversidade religiosa.



1 INFÂNCIA, EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO RELIGIOSO

[...] a infância seria: [...] a concepção ou a representação que os adultos fazem do período inicial de vida, ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive esta fase da vida. A história da infância seria, portanto, a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e com a sociedade. [...] a infância seria a condição social das crianças.¹²

A percepção da infância como construção social, iniciou-se a partir dos séculos XVII e XVIII, a construção histórica do sentimento da infância vem evoluindo e assumindo diferentes significados ao longo dos anos. No continente europeu, os sinais dessa evolução tornaram-se evidentes, entre os séculos XVI e XVIII quando a estrutura social mercantil, da época, desencadeou mudanças nos sentimentos e nas relações ligados à infância.¹³

As mudanças surgiram a partir do século XV, quando a escola assumia cada vez mais a responsabilidade de educar as crianças, fato que despertou nos pais a preocupação de vigiar e se aproximar dos filhos e não mais deixá-los serem aprendizes com outras famílias. Essa transferência de aprendizagem acarretou na “aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno da criança”.¹⁴

Depois de um longo período, começa a partir do século XVII a surgirem mudanças significativas ligadas à criança, nasce então um novo sentimento em relação à infância, tornando a criança o centro das atenções dentro do seio familiar. A família passa então de forma gradativa a reconhecer e dar importância à criança, pois “não se pode mais perdê-las ou substituí-las sem grande dor, já não se pode tê-las em seguida, precisa-se limitar o seu número para poder atendê-las melhor”¹⁵. Surgem então os “manuais de civilidade”, que além de ensinarem as crianças a terem boas maneiras, ensinavam também a ler e a escrever, assim:

A conduta doce e harmoniosa das crianças, escreveria um pedagogo do século XVII, dá mais crédito a uma escola do que uma instrução sólida, porque ela mostra a todos que a criança foi instruída, embora talvez tenha aprendido pouca coisa, já que as boas maneiras são a parte principal da educação.¹⁶

¹² KUHLMANN JR., Moysés, FERNANDES, Rogerio. *Sobre a história da infância*. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes.(Org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações* (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica. 2004, p. 15.

¹³ CARVALHO, Eronilda Maria Góis de. *Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas*. Ilhéus: Editus., 2003, p. 47.

¹⁴ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro. LCT. 1986, p. 232.

¹⁵ KOHAN, Walter Omar. *Infância - Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 66.

¹⁶ Cf. ARIÈS, Philippe. 1986, p. 173.

Em toda a história da Educação Infantil a concepção da “Criança” nunca recebeu tanta atenção como na atualidade. Trata-se de um ser em contínua evolução, mas que está apenas no início do seu caminho para conhecer e deve ser encorajado. A infância de hoje é o fruto das constantes transformações pelas quais passa e que, só foi possível graças às mudanças que a sociedade teve acerca do que é ser criança e graças à importância que foi dada ao momento específico da infância.¹⁷

O modo como a infância é vista hoje é apontado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, onde é esclarecido que cada criança tem suas particularidades que as definem como indivíduos que percebem o mundo de uma forma singular.¹⁸ A concepção de criança apresentada nos RCNEI diz que:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca [...] compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação.¹⁹

Já durante o processo de construção do conhecimento, as crianças tiram proveito das mais diferentes linguagens e aproveitam da capacidade de terem ideias originais sobre aquilo que procuram desvendar.²⁰

A criança vai conhecendo o mundo a partir de sua interação com o meio físico e social. Ela se desenvolve de forma integrada nos aspectos cognitivos, afetivos, físico-motores, morais, linguísticos e sociais. Nessa interação sujeito-objeto (ou meio), a criança vai assimilando determinadas informações, segundo o seu estágio de desenvolvimento.²¹

O processo do desenvolvimento da criança depende e necessita de afeto. A afetividade é um dos maiores e fundamentais colaboradores para a aprendizagem das crianças, visto que “o desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio”.²² Assim, quando esse processo ocorre em um meio carinhoso, atencioso e afável, cria-se condições

¹⁷ BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Escola Infantil: pra que te quero*. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (orgs.). *Educação Infantil pra que te quero?*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 13.

¹⁸ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v.3. 1998, p. 105.

¹⁹ BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Volume I. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 21-22.

²⁰ C.F. BRASIL. 1998, p. 105.

²¹ FRIEDMANN, Adriana. *A importância do brincar*. Jornal diário na escola: Santo André/SP, 2003, p. 76.

²² CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. *Educação Infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 28.

perfeitas para esse desenvolvimento, pois o ser humano é “organicamente social, isto é, suas estruturas orgânicas supõem a intervenção da cultura para se atualizar.”²³

Assim sendo, entende-se que a afetividade representa um marco importantíssimo na fase da infância seja para a criança em si como também para sua formação. As crianças precisam de carinho, elogios, segurança, orientação, controle e aceitação para desenvolver-se.

Portanto, a religiosidade também pode ser compreendida como parte importante no processo de desenvolvimento da afetividade. Pode-se entender que “as crianças precisam de tempo e espaço para crescer no seu conhecimento a respeito de Deus”²⁴, então cabe a família e a igreja orientarem e auxiliarem neste processo de religiosidade e fé.

No que diz respeito ao desenvolvimento da fé, pode-se afirmar que são seis suas etapas: 1) fé intuitiva e projetiva (2 a 7 anos) – se caracteriza pela incapacidade do raciocínio lógico e pelo uso da intuição na tentativa de entender o que é Deus; 2) fé místico-litera (de 7 a 11 anos) – é a vez do raciocínio litera, onde a fé é entendida através de história, crenças e experiências dos companheiros de fé; 3) fé sintético-convencional (de 12 a 18 anos) – é chegada a hora de escolher, a fé da família ou do grupo social?; 4) fé individual-reflexiva (de 18-30 anos) - aqui surge o pensamento próprio sobre a fé que gera capacidade de expressar a sua crença; 5) fé conjuntiva – momento de dúvida e indecisão, aqui a fé não responde a todas as perguntas; e por fim 6) fé universalizada – momento de fé plena e intensa. A fé e a convicção religiosa estão presentes totalmente em tudo²⁵.

Algumas dessas etapas são previsíveis e outras irreversíveis e estão sempre em contínuo, vitalício e complexo processo, que varia de um sujeito para outro, de modo que “cada um passa pelos estágios da fé, cada um no próprio ritmo, podendo até ficar preso em um desses estágios da fé, sem nunca avançar para outro.”²⁶

A forma como a criança faz suas orações, o que ela profere e o que ela pensa e expressa, indicam exatamente sua idade e seu estágio, já que de acordo com o ambiente ao qual ela foi sujeitada, sua fé pode ser manifestada através da extrema indiferença ou por uma plena relação afetiva com Deus. Entender a fé da criança é olhar e abordar detalhadamente uma de suas múltiplas características, tendo como entendimento que as crianças não podem ser vistas como

²³ LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. 1992, p. 36.

²⁴ CLOYD, Betty Shannon. *Papai do céu... ensinando o valor da oração*. São Paulo: Eclésia, 2000, p. 12.

²⁵ GHEDINI, Robson. *Elementos de uma Educação Religiosa Infantil Relevante*. Teologia & Espiritualidade – Revista Eletrônica da Faculdade Cristã de Curitiba. 1998, p. 5-6. Disponível em: <http://www.fatadc.com.br/site/revista/2_edicao/Artigo_4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

²⁶ C.F.GHEDINI, Robson. 1998, p. 5.

seres sem conhecimento nenhum, pois cada uma delas leva para dentro da classe sua cultura e suas experiências, que merecem e devem ser respeitadas.

1.1 O surgimento da Educação Infantil

Ao longo dos séculos educar as crianças era tarefa que cabia quase particularmente à mãe ou a outras mulheres, e isso acontecia até a criança deixar de ser considerada como pequeno adulto, e passar a ajudar os adultos nas atividades cotidianas, tendo integração no meio social. Logo mais surgiram algumas instituições de guarda da primeira infância ou para acolher, cuidar e educar crianças pequenas fora da família ou crianças em situações desfavoráveis. Na Idade Média e Moderna, a responsabilidade do acolher essas crianças ficava a cargo das entidades religiosas²⁷.

O desenvolvimento científico e a expansão comercial geraram uma nova visão sobre a criança e como deve ser educada. No entanto, o desenvolvimento europeu culminou em guerras cujo resultado era crianças pobres, abandonadas e vítimas de maus tratos. Para amenizar o problema, as mulheres da comunidade passaram a cuidar dessas crianças. Logo mais, surgiram as instituições filantrópicas.²⁸

Desta forma, “crianças carentes de 2 a 3 anos eram incluídas nas *charity schools* ou *écoles petites*, criadas na Inglaterra, França e nos países europeus, segundo o ideário dos movimentos religiosos da época”, e já que não existia uma proposta instrucional formal, essas instituições acabaram adotando atividades como canto e desenvolver bons hábitos e comportamentos e para seguir as regras morais e de valores religiosos.²⁹

Para atender aos filhos de homens e mulheres operários com idade acima dos 3 anos e outras crianças dessa idade, foram criadas outras instituições, os chamados asilos, *infant school* e as *nursery school*, cuja meta era cuidar de crianças desfavorecidas e com péssimas condições de saúde. As crianças acolhidas eram separadas em turmas que chegavam a ter cerca de 200 crianças cada. Essas crianças eram educadas e ensinadas a obedecer, a seguir as regras da moralidade e a devoção do valor do trabalho.³⁰ Essas instituições surgidas em Londres e na

²⁷ PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. *A História da Educação Infantil*. Revista Científica Eletrônica De Pedagogia. Periódico Semestral. Ano VII, n. 13. Janeiro de 2009, p. 2. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wLWD9GTfD1VmODz_2013-6-28-15-56-4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

²⁸ C.f. PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. 2009, p. 3.

²⁹ C.f. PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. 2009, p. 3.

³⁰ C.f. PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. 2009, p. 4.

França se espalharam pela Europa alcançando a Rússia onde era muito frequente encontrar nesses asilos salas com grupos de até cem crianças disciplinadas que obedeciam aos comandos dos adultos dados por apitos³¹.

Essas instituições contribuíram para reduzir os números de mortalidade infantil, muito comum naquele período e esse fato, a despeito dos métodos usados, acabou trabalhando a favor dos pioneiros da Educação Infantil.

No século XX, especificamente após a primeira Guerra Mundial, as instituições que cuidavam da Educação Infantil se destacaram por causa do aumento do número de crianças órfãs, desse modo os programas de atendimento que trabalhavam para diminuir a mortalidade infantil passaram a agir nos lares e nas creches supervisionados por especialista da área da saúde interessados pela educação³².

No que diz respeito ao Brasil, a Educação Infantil teve uma característica própria, pois está interligada com fatores como a chegada do jesuítas, a tentativa de conquistar os índios durante o período de colonização, entre outros fatores conforme será explicado a seguir.

1.2 Educação Infantil no Brasil: a problemática da religião

Até os meados do século XIX não havia atendimento específico para crianças pequenas no Brasil, as crianças abandonadas eram cuidadas por famílias de fazendeiros ou então deixadas nas “roda dos expostos”. Esta situação começou a mudar após a abolição da escravidão no país, surgindo assim, condições para o desenvolvimento cultural e tecnológico³³.

As primeiras instituições destinadas às crianças pequenas no Brasil datam do período da colonização. No início do século XVI foi criada a Casa do Muchachos pelos jesuítas, com o objetivo de catequizar os curumins e os órfãos da terra³⁴. Os jesuítas viam as crianças como seres divinos que conquistavam a todos a sua volta com doçura e inocência, canal perfeito para que as almas dos da terra fossem alcançadas. Essas crianças eram ensinadas a ler, escrever, cantar e contar, tendo como diretriz os preceitos religiosos³⁵.

³¹ OLIVEIRA, Zilma Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*, 3ª. Ed., São Paulo: Cortez, 2007, p. 61.

³² C.f PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. 2009, p. 5.

³³ C.f PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. 2009, p. 5.

³⁴ Órfãos da terra: Assim eram chamadas as crianças nascidas de relações entre brancos ou negros com as mulheres indígenas.

³⁵ PRIORE, Mary del. *O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia*. In : . História da criança no Brasil. São Paulo. editora: Contexto, 1991, p. 12.

Ainda no período Colonial, as Santas Casas da Misericórdia que a princípio cuidavam das pessoas necessitadas, passaram a acolher crianças pobres, mestiças, negras e índias como também aquelas abandonadas por serem frutos indesejados de mulheres brancas da elite. O recolhimento era realizado ocultando-se a identidade de quem depositava a criança³⁶.

A Roda era um dispositivo giratório de madeira, em forma de cilindro, que possuía uma abertura, inserido em uma parede, de forma que, como uma janela, desse acesso à parte interna da instituição ao ser acionado. A criança era depositada no compartimento, e o depositante rodava o cilindro para que a abertura se voltasse para dentro, preservando a identidade do depositante. A Roda funcionou no Rio de Janeiro até 1938.³⁷

No final do Império e início da República, a infância passou a ser vista como uma etapa do desenvolvimento humano, e as crianças passaram a ser entendidas como o futuro da nação. Foram organizadas associações e instituições destinadas ao atendimento das crianças por juristas, políticos, industriais, educadores, médicos, religiosos³⁸. Cabe a ressalva de que as creches e asilos mantidos por religiosos recebiam generosas quantias doadas pelos militantes leigos católicos em nome da caridade.

No fim do século XIX, a elite do país adotou os preceitos educacionais do Movimento da Escola Nova trazida para o Brasil da Europa, a criação do “jardim-de-infância”, acabou gerando muito debate entre os políticos da época; pois jardim-de-infância era de caridade e se destinava ao mais pobre. Tempos depois, as mães operárias, passaram a reivindicar melhores condições no trabalho e locais para guarda e atendimento de seus filhos durante o trabalho, as reivindicações foram passadas ao Estado e atuaram com força de pressão pela criação de creche, escolas maternas por parte de órgãos governamentais. Desta forma, na década de 40 as exigências surtiram efeito e a criação de instituições especializadas foi aceita como sendo “um mal necessário” voltado para aquelas famílias que não possuem condições de cuidar sozinhas das crianças.³⁹

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi criada a Legião Brasileira de Assistência (LBA), símbolo da visão de atendimento à infância dos desfavorecidos, inicialmente se destinava à dar assistência às famílias dos soldados, então chamados de pracinhas, logo passou

³⁶ BRANCO, Jordanna Castelo. *A presença do discurso religioso em uma Escola de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Duque de Caxias*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. 2012, p. 54.

³⁷ COUTO, Inalda Alice Pimentel e MELO, Valéria Galo de. *Reconstruindo a história do atendimento à infância no Brasil*. Rio de Janeiro. 1998, p. 22.

³⁸ C.f BRANCO, Jordanna Castelo. 2012, p. 55

³⁹ PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. *A História da Educação Infantil*. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Periódico Semestral. Ano VII, n. 13. Janeiro de 2009, p. 5. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wLWD9GTfD1VmODz_2013-6-28-15-56-4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

a oferecer amparo aos velhos e desvalidos e assistência médica aos necessitados, além de proteção da maternidade e das crianças pequenas. Essas instituições contavam com mão de obra feminina voluntária⁴⁰.

O advento da república gerou uma separação entre o Estado e a Igreja, trazendo a laicidade para o ensino público, mantendo-se assim até a Constituição de 1934. A liberdade de pensamento significava suprimir o ensino religioso nas escolas. Era necessário eliminar as concepções e dogmas velhos da igreja e substituí-los por novas perspectivas sociais de bases científicas e filosóficas.

Ou seja, a ideia era “configurar uma nova mentalidade, moderna, por isso mesmo laica e fundamentada na razão, a influência da religião deveria ser combatida, pois ligava-se ao tradicional, ao que se estava querendo suprimir”⁴¹. É importante lembrar que:

por força das ideologias liberais e positivistas, a Constituição de 1891 determinou a separação entre Igreja e Estado, de modo que a religião passava da esfera pública para a privada. O Estado foi proibido de financiar qualquer tipo de atividade religiosa, assim como, o ensino religioso. Havia liberdade para as escolas privadas para ministrarem o ensino laico ou religioso, de acordo com a sua proposta pedagógica.⁴²

Várias pesquisas históricas demonstraram que havia estreita relação entre a Educação Infantil e a religião desde que surgiram as primeiras propostas para a pequena infância. Essa relação se estendeu por muitos séculos incorporando os preceitos religiosos e a moralização como algo que fizesse parte dessa etapa educacional. As escolas de Educação Infantil se utilizam de rezas, histórias e canções religiosas para “ensinar às crianças valores morais, tidos como essenciais para manutenção da ordem e da disciplina.”⁴³

1.3 Breve relato sobre a educação religiosa

Ainda que o senso comum sobre o conceito de “religião” aplique-se aos estudos dos fenômenos e sistemas religiosos, eles são insuficientes para estudos científicos. A maioria das pessoas costuma definir religião como crença em Deus, espíritos, seres sobrenaturais, ou na

⁴⁰ BRANCO, Jordanna Castelo. *A presença do discurso religioso em uma Escola de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Duque de Caxias*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. 2012, p. 55.

⁴¹ CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 153.

⁴² CUNHA, Luiz Antonio. *O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização*. São Paulo, Editora Unesp, 2005, 7.

⁴³ BRANCO, Jordanna Castelo; FERNANDES, Vânia Claudia. *Práticas religiosas na Educação Infantil: a religião em duas escolas públicas no município do Rio de Janeiro*. XVI ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas. 2012, p. 1

vida após a morte. Ou ainda atrelar ao nome de religiões mundiais: Cristianismo, Hinduísmo, Budismo ou Islamismo. O que se sabe é que o termo “religião” tem origem latina *religio*, que significa um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições.⁴⁴

Nota-se na definição que não há menção a divindades, rituais, mitos, ou seja nada que indique o conceito “religião” construído histórica e culturalmente mais tarde no Ocidente e que acabou adquirindo um sentido ligado à tradição cristã. Portanto, esse vocábulo não possui um significado original ou absoluto, apenas lhe foi conferida a conceituação dos conjuntos reais de fenômenos históricos suscetíveis de corresponder ao vocábulo “religião”, extraído da linguagem corrente e introduzido como termo técnico⁴⁵, o que deixa muita ambiguidade se,

se ‘religião’ é definida como ‘sagrado’, a questão torna-se saber o que é ‘sagrado’ e o seu oposto, o ‘profano’... a definição ‘acreditar em Deus’ deixa de fora todos os politeísmos e o Budismo, enquanto a crença numa realidade sobrenatural ou transcendental também não satisfaz, por não ser comum a todas as culturas religiosas. A definição mais aceita pelos estudiosos, para efeitos de organização e análise, tem sido a seguinte: religião é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre humanos dentro de universos históricos e culturais específicos.⁴⁶

Historicamente a humanidade entendeu que a educação é essencial para o homem, e isto é evidenciado no decorrer da História da Educação tendo a Igreja no comando da educação escolar ou da educação como preparação para o ofício de transcritor de textos sagrados. Sabe-se que no período medieval a educação era forjada na Igreja, como a formação de oradores, comuns na Idade Média.⁴⁷

A criação das universidades dependia do decreto papal, as primeiras universidades europeias surgiram por volta de 1250. A formação do professor também dependia da Igreja, seu legado familiar e social exigia uma conduta ilibada. Assim, o professor transmitia os preceitos religiosos e as ideias europeias como forma de domínio e exclusão dos indivíduos⁴⁸, desse modo “tudo passa pela questão do Ensino Religioso, como forma de evangelização para os escravos, ou seja, o papel do Ensino Religioso, da Igreja e da educação era catequizar, uma vez que, esse era o acordo entre o Papa e a Coroa portuguesa”.⁴⁹

⁴⁴ SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. Revista de Estudos da Religião, nº 2. 2004, p. 3; disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2004/psilva.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

⁴⁵ C.f. SILVA, Eliane Moura da. 2004, p. 4.

⁴⁶ C.f. SILVA, Eliane Moura da. 2004, p. 4.

⁴⁷ MORAIS, Maria Nasaluce de. *A Diversidade Religiosa e a Disciplina Ensino Religioso na E.E.E.F.M. José Nominando. Água Branca*. Paraíba. 2014, p.18.

⁴⁸ C.f. MORAIS, Maria Nasaluce de. 2014, p. 18-19.

⁴⁹ RIBEIRO, Maria Luiza Santos. *A organização escolar no contexto da consolidação do modelo agrário-exportador dependente*. In:_____. *Historia da Educação Brasileira: a organização escolar*. 15. Ed. Campinas – Sp: Autores associados, 1988, p. 15.

Com a efetivação na Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), ficou esclarecido que no caso de aplicar o Ensino Religioso como área de conhecimento na sala de aula, esse precisa ter práticas pedagógicas preestabelecidas a partir de propostas educacionais com respeito à diversidade⁵⁰. Portanto,

O que se quer é um Ensino Religioso agregador, de tal forma que católicos, evangélicos, budistas, membros dos ritos afro-brasileiros, índios e outros, sentarão lado a lado e sentir-se-ão aceitos pelos colegas e pelos professores, sem se sentirem inferiorizados tais como acontecia muitas vezes no passado.⁵¹

O que se prega é o respeito à diversidade, com a ampliação das dimensões dos seres humanos, ou seja, dimensões físicas, intelectuais, social, cultural, psicológica e religiosa que constituem a vida dos cidadãos. O Ensino Religioso propõe uma discussão sobre as concepções integrais da humanidade e a reflexão sobre a ação do homem em sua sociedade.

1.4 A Consolidação da aprendizagem segundo Piaget⁵² e Vygotsky

Piaget e Vygotsky, dois autores pesquisaram o desenvolvimento humano e criaram teorias acerca da aprendizagem, os dois têm muito em comum em suas pesquisas. Ambos construtivistas acreditavam que o conhecimento se dá por meio da interação do sujeito com o seu meio. A seguir serão enfatizados os processos de aprendizagem, as semelhanças e as diferenças nas teorias de cada um dos dois.

⁵⁰ C.f. MORAIS, 2014, p. 20.

⁵¹ ZIMMERMANN, Roque. *O Ensino Religioso: uma grande mudança*. Brasília: Câmara dos deputados, n. 46, 1998, p. 2.

⁵² Jean Piaget: Um dos mais importantes pesquisadores de educação e pedagogia, Jean Piaget nasceu na cidade de Neuchâtel (Suíça) em 9/08/1896 e morreu em 17/9/1980. Especializou-se em psicologia evolutiva e também no estudo de epistemologia genética. Seus estudos sobre pedagogia revolucionaram a educação, pois derrubou várias visões e teorias tradicionais relacionadas à aprendizagem. Em 1918 trabalhou num laboratório de psicologia e estagiou numa clínica de psiquiatria. Estudou psicopatologia na Universidade de Sorbonne na França. Piaget fez pesquisas sobre as características do pensamento infantil com crianças francesas e também com deficientes mentais. No ano de 1921 escreveu suas primeiras teorias pedagógicas. Foi diretor do Instituto Jean-Jacques Rousseau na Suíça e lecionou psicologia infantil na Universidade de Genebra. Suas teorias buscam implantar nos espaços de aprendizagem uma metodologia inovadora que busca formar cidadãos criativos e críticos. De acordo com suas teorias, o professor não deve apenas ensinar, mas sim e antes de tudo, orientar os educandos no caminho da aprendizagem autônoma. Obras: *A Linguagem e o Pensamento na Criança* (1923), *O Juízo e o Raciocínio na Criança* (1924), *A representação do mundo na criança* (1926), *A causalidade física na criança* (1927), *O julgamento moral na criança* (1931), *O desenvolvimento das quantidades físicas* (1941), entre outras.

1.4.1 *Desenvolvimento e aprendizagem para Piaget*

Ao elaborar a sua teoria, Piaget objetivou apontar as mudanças que ocorrem na vida de uma pessoa desde a infância no período sensório-motor, até a fase adulta pós-adolescência quando o pensamento é mais lógico. “A lógica representa para Piaget a forma final do equilíbrio das ações. Ela é um sistema de operações, isto é, de ações que se tornaram reversíveis e passíveis de serem compostas entre si”.⁵³

Existem três pontos principais que regem o entendimento de Piaget acerca do desenvolvimento e são: 1) Como em toda entidade biológica existe uma organização interna, na cognição humana também haveria de ter uma organização específica; 2) Essa organização interna é responsável pela atitude própria de funcionamento do organismo, independente da idade; 3) Piaget aponta que a interação entre o organismo e o ambiente é responsável pelo processo de adaptação como também pela evolução deste.⁵⁴

A teoria evolutiva, na perspectiva de Piaget, é necessária para que o comportamento humano adulto, bem como seu aparato cognitivo serem adequadamente compreendidos. Essa teoria abrange uma criteriosa definição e análise de estados ontogenéticos sucessivos, sendo o mais importante deles as alterações comportamentais entre um funcionamento menos sofisticado para um mais sofisticado, portanto as formas comportamentais específicas seriam úteis para justificar a consideração de períodos ou estágios definidos de desenvolvimento.⁵⁵

Sendo assim, o desenvolvimento cognitivo inicia-se do interior para o exterior, conforme ocorre a maturidade da pessoa. O ambiente poderá afetar o desenvolvimento, com ênfase no desenvolvimento biológico, destacando a maturidade do desenvolvimento.

É óbvio que o professor enquanto organizador permanece indispensável no sentido de criar as situações e de arquitetar os projetos iniciais que introduzam os problemas significativos à criança. Em segundo lugar, ele é necessário para proporcionar contra exemplos que forcem a reflexão e a reconsideração das soluções rápidas. O que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa.⁵⁶

⁵³ LA TAILLE., Y. *O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget*. In LA TAILLE; OLIVEIRA, M.K; DANTAS,H. Piaget, Vygotsky, Wallon: *teorias psicogenéticas em discussão*. 13.ed. São Paulo: Summus, 1992, p. 17.

⁵⁴ TURNER, John. *Desenvolvimento cognitivo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 177

⁵⁵ SOUZA FILHO, Marcilio Lira de. *Relações Entre Aprendizagem e Desenvolvimento em Piaget e em Vygotsky: Dicotomia Ou Compatibilidade?* Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 265-275, jan./abr. 2008, p. 267.

⁵⁶ PIAGET, Jean. *Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Forense, 1973, p. 16.

Vygotsky sempre percebeu os comprometimentos maturacionais para evolução do desenvolvimento. Para Vygotsky, o ambiente social é a fonte do conhecimento que serve de modelo para a aprendizagem e o desenvolvimento. Para Piaget, a criança pode utilizar as fontes e formas de informação no processo de construção. O processo não é o de recriar um modelo, mas o de inventá-lo. Vygotsky se contrapõe a Piaget, enquanto o primeiro afirma que o desenvolvimento ocorre em função da aprendizagem, o segundo assevera a veracidade do processo contrário.⁵⁷

1.4.2 *Desenvolvimento e aprendizagem para Vygotsky*⁵⁸

Referindo-se aos processos de aprendizagem e desenvolvimento, tem-se três abordagens que são: 1) Aprendizagem e desenvolvimento: processos independentes; 2) Aprendizagem e desenvolvimento: processos idênticos; 3) Aprendizagem e desenvolvimento: processos diferentes e relacionados. O autor assinala sua percepção sobre aprendizagem e desenvolvimento, lançando novas hipóteses para a compreensão desta relação.⁵⁹

Assim, de acordo com a primeira abordagem, o desenvolvimento é tido como um processo de amadurecimento do indivíduo e a aprendizagem é simplesmente o aspecto externo às oportunidades surgidas através do processo de desenvolvimento. Portanto, a aprendizagem

⁵⁷ SAYEGH, Flavia. As relações entre desenvolvimento e aprendizagem para Piaget e Vygotsky. 2006, p. 5-6. Artigo. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=884>>. Acesso em: 10 out. 2017.

⁵⁸ Lev Semyonovich Vygotsk: (1896-1934) foi um psicólogo bielo-russo que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel preponderante das relações sociais nesse processo, o que originou uma corrente de pensamento denominada Sócio Construtivismo. Com 18 anos, Lev Vygotsky matriculou-se no curso de Medicina, mas em seguida transferiu-se para o curso de Direito na Universidade de Moscou. Paralelamente ao curso de Direito estudou Literatura e História da Arte. Em 1917, ano da Revolução Russa, graduou-se em Direito e apresentou um trabalho intitulado “Psicologia da Arte”, que só foi publicado na Rússia em 1965. Depois de formado, voltou para Gomel, onde além de escrever críticas literárias e proferir palestras sobre temas ligados a literatura e psicologia em várias escolas, publicou um estudo sobre os métodos de ensino da literatura nas escolas secundárias. O interesse de Vygotsky pelas funções mentais superiores, cultura, linguagem e processos orgânicos cerebrais o levaram a trabalhar com pesquisadores neurofisiologistas como Alexander Luria e Alexei Leontiev, que deixaram importantes contribuições para o Instituto de Deficiência de Moscou, entre eles o livro “A Formação Social da Mente” onde aborda os processos psicológicos tipicamente humanos, analisando-os a partir da infância e do seu contexto histórico-cultural. Entre outros trabalhos de Lev Vygotsky destacam-se: “A Pedologia de Crianças em Idade Escolar” (1928), “Estudos Sobre a História do Comportamento” (1930, escrito com Luria), “Lições de Psicologia” (1932), “Fundamentos da Pedologia” (1934), “Pensamento e Linguagem” (1934), “Desenvolvimento da Criança Durante a Educação” (1935) e “A Criança Retardada” (1935). Lev Vygotsky faleceu em Moscou, Rússia, no dia 11 de junho de 1934. Após sua morte, suas ideias foram repudiadas pelo governo soviético e suas obras foram proibidas na União Soviética, entre 1936 e 1958, durante a censura do regime stalinista. Em consequência, seu livro “Pensamento e Linguagem” foi lançado no Brasil somente em 1962 e “A Formação Social da Mente” foi lançado em 1984.

⁵⁹ VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 468.

não exerce influência sobre o desenvolvimento, ou seja, mesmo que a criança não frequente o ensino escolar, o desenvolvimento ocorre. “O desenvolvimento deve concluir certos círculos de leis, determinadas funções devem amadurecer antes que a escola passe a lecionar determinados conhecimentos à criança. Os ciclos do desenvolvimento sempre antecedem os ciclos da aprendizagem.”⁶⁰

Na segunda abordagem, a criança, ao aprender, desenvolve-se e, ao se desenvolver, aprende, nessa perspectiva, o desenvolvimento é considerado como sombra da aprendizagem, pois segue um passo logo atrás. Tal abordagem é sustentada pelas concepções associativistas da psicologia.⁶¹ Ao estudar tal abordagem, vê-se que o processo de atualização das associações não é idêntico ao processo de atividade intelectual e reforça, que há uma omissão sobre o encadeamento principal e a condição essencial dos processos de apropriação, que são as ações da criança – base real destes processos. A justificativa para a omissão é a falta de fundamento teórico-prático.⁶²

A terceira e última abordagem que tem como defensor o estudioso alemão Kurt Koffka⁶³, trata como distintos, mas interligados os dois processos o de aprendizagem e o de desenvolvimento. Trata-se da união dos conteúdos das duas primeiras abordagens com o intuito de chegar a uma forma de contrabalançar entre elas. Sendo assim, esta união não facilita o entendimento da relação entre desenvolvimento e aprendizagem, pois apesar de Koffka entender que a aprendizagem influencia até certo ponto a maturação, esta influência não está sendo explicada, o que torna tudo mais confuso ainda.⁶⁴

O desenvolvimento humano é definido pela maturação do organismo individual e pela aprendizagem que não necessita da interação com os demais, bem como o contato com o ambiente cultural, para se concretizar. Contudo, separando a aprendizagem da maturação, eis que surge algo novo nessa terceira abordagem, trata-se da probabilidade do desenvolvimento surgir por meio da aprendizagem, pois “[...] a aprendizagem pode ir não só atrás do desenvolvimento, não só passo a passo com ele, mas pode superá-lo, projetando-o para frente e suscitando nele novas formações”. Sendo assim, a aprendizagem é profundamente interligada ao desenvolvimento.⁶⁵

⁶⁰ VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 468.

⁶¹ Cf. VYGOTSKY, Lev Semenovitch 2004, p. 468.

⁶² LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. *O desenvolvimento do psiquismo humano*. São Paulo: Moraes, 1979, p. 199.

⁶³ Kurt Koffka (1886-1941) foi um dos representantes da teoria de campo Gestalt, que teve sua origem na Alemanha durante a primeira parte do século XX (BIGGE, 1977).

⁶⁴ VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 303.

⁶⁵ VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 303.

A zona de desenvolvimento proximal é representada por um espaço entre dois níveis de desenvolvimento: o nível real e o nível potencial, não sendo extremamente independente ou totalmente dependente da ajuda de um adulto. Contudo, é necessário compreender, a) o fato da criança realizar algo com a ajuda de outra pessoa, significa que mais tarde poderá realizar sozinha; b) A criança consegue autonomia na resolução do problema, através da assistência e auxílio do adulto, ou por outra criança mais velha, formando desta forma uma construção dinâmica entre aprendizagem e desenvolvimento; c) a aprendizagem acelera processos superiores internos que são capazes de atuar quando a criança encontra interagida com o meio ambiente e com outras pessoas. É necessário que esses processos sejam internalizados pela criança.⁶⁶

1.5 A diversidade religiosa como fator presente na Educação Infantil

Na escola do século XXI, bem como nos séculos anteriores, a diversidade se apresenta contudo com mais evidência, já que os alunos que lá estão atualmente são muito diferentes dos das décadas passadas, pois na atualidade a escola é composta por grupos sociais, econômicos, religiosos, culturais, étnicos, todos diferentes uns dos outros.⁶⁷

Além desses grupos, ainda encontra os que apresentam facilidade para aprender e outros que sofrem para assimilar os conceitos mais simples, alguns que apresentam facilidade para aprender; mas não se interessam, pois não têm seriedade e compromisso; outros com dificuldades e se mostram muito interessados; outros com modos de aprendizagem diferentes; e outros indisciplinados.

O respeito à diversidade é um dos valores de cidadania mais importantes, sendo fundamental valorizar cada pessoa, portanto, as diferentes expressões religiosas devem ser consideradas na escola, especialmente na escola pública.⁶⁸

Quando falamos sobre diversidade em educação nos remetemos a ideia de dar oportunidades a todos os alunos de acesso e permanência na escola, com as mesmas

⁶⁶ SAYEGH, Flavia. *As relações entre desenvolvimento e aprendizagem para Piaget e Vygotsky*. 2006, p. 5. Artigo. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=884>>. Acesso em: 10 out. 2017.

⁶⁷ SANTOS, Ivone Aparecida dos. *Educação Para a Diversidade: Uma Prática a Ser Construída na Educação Básica*. Produção Didático-Pedagógica – Caderno Temático– apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE. CORNÉLIO PROCÓPIO, PARANÁ. Brasil. 2008, p. 15. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁶⁸ SANTOS, Ivone Aparecida dos. *Educação Para a Diversidade: Uma Prática a Ser Construída na Educação Básica*. Produção Didático-Pedagógica – Caderno Temático– apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE. CORNÉLIO PROCÓPIO, PARANÁ. Brasil. 2008, p. 15. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

igualdades de condições, respeitando as diferenças. Ao se abordar a questão das diferenças ou diversidades, não se remete somente às minorias ou às crianças com necessidades especiais. É muito mais amplo, pois todos nós seres humanos somos únicos, portanto diferentes uns dos outros. Tal fato trata-se de denominar como diversidade as diferentes condições étnicas e culturais, as desigualdades socioeconômicas, as relações discriminatórias e excludentes presentes em nossas escolas e que compõem os diversos grupos sociais.⁶⁹

Contudo, pode-se afirmar que os professores só poderão amoldar os seus métodos pedagógicos ao processo de construção pessoal de cada aluno, somente após terem pleno e total conhecimento das possibilidades de aprendizagens de cada um desses alunos, pois “conhecer bem os alunos implica interação e comunicação intensa com eles, uma observação constante de seus processos de aprendizagem e uma revisão da resposta educativa que lhes é oferecida.”⁷⁰

Proporcionar aos alunos a construção da aprendizagem significativa o dever do educador, no entanto a concretização deste tipo de aprendizagem depende da forma como são propostas as situações de ensino e aprendizagem. A construção da aprendizagem significativa implica na predisposição positiva dos alunos em aprenderem, dando um sentido novo e pessoal para as experiências de aprendizagem, relacionado com as novas aprendizagens, o que já sabem. Assim:

Em todo processo educativo, a competência profissional dos professores, sua capacidade para planejar situações de aprendizagem, realizar processos de adaptação de currículo, elaborar pontos de trabalho em equipe, etc., adquire uma grande relevância, que nos parece decisiva para o êxito ou para o fracasso do tal processo.⁷¹

Em cada sala de aula existe uma expressiva diferenciação, contudo os professores apesar de serem cientes, não conseguem dominar essa diferenciação, portanto o fato deles serem indiferentes em relação às indiferenças pode gerar desigualdade na aprendizagem além de reproduzir imagens negativas quando os professores relacionam o rendimento de seus alunos ao bom comportamento, ou quando estes não correspondem a um modelo predeterminado.⁷²

É necessário que o professor se preocupe em desenvolver sua aula tendo em consideração as diferenças existentes entre os alunos, visando dessa forma desenvolver um ensino igual para todos, valorizando acima de tudo a transmissão de conteúdos através de

⁶⁹ CF.SANTOS, Ivone Aparecida dos. 2008, p. 14.

⁷⁰ SALVADOR, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. vol. 3. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 240.

⁷¹ GONZALEZ, Jose Antônio Torres. *Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 241.

⁷² VIANNA, Cláudia. RIDENTI. Sandra, *Relações de Gênero e Escola: das diferenças ao preconceito*. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998, p. 102.

trabalho que leva os alunos a produzirem uma verdadeira aprendizagem, fazendo com que o ensino se efetive somente para todos.⁷³

Diferenciar é ter a consciência de não existir manuais, receitas prontas, soluções mágicas ou somente uma única solução, diferenciar “é aceitar as incertezas, a flexibilidade, a abertura das pedagogias ativas que em grande parte são construídas na ação cotidiana, em um processo que envolve negociação, revisão constante e iniciativa de seus atores⁷⁴”. Nesse sentido, a pedagogia das diferenças necessita de uma análise formativa, visto que se preocupa mais em melhorar a formação e auxiliar o aluno a aprender de que classificar, dar notas, punir ou recompensar.⁷⁵



⁷³ SANTOS, Ivone Aparecida dos. *Educação Para a Diversidade: Uma Prática a Ser Construída na Educação Básica*. Produção Didático-Pedagógica – Caderno Temático– apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE. CORNÉLIO PROCÓPIO, PARANÁ. Brasil. 2008, p. 16. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁷⁴ ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. (Org.) et all. *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004, p. 22.

⁷⁵ CF ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. 2004, p. 22.

2 AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁTICA DOCENTE

Nos últimos anos a preocupação com a infância e a Educação Infantil ganhou mais destaque, pois a infância é uma fase muito importante para a aprendizagem do indivíduo. Com essa percepção, a criança passou a ser considerada uma pequena cidadã, mas que tem seus direitos de cuidados e educação preservados e garantidos pela lei.⁷⁶

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), a Educação Infantil se tornou modalidade de ensino inicial da Educação Básica. Conforme dispõe o Artigo 21. A educação escolar compõe-se de: I - educação básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.⁷⁷ Além disso, de acordo com o Parecer CNE/CEB nº 20/2009, que assegura o direito à educação:

O direito à Educação Básica consagrado pela Constituição Federal de 1988, representa uma demanda essencial das sociedades democráticas e, vem sendo exigido, vigorosamente por todo o país, como garantia inalienável do exercício da cidadania plena.⁷⁸

Procurando melhorias para as propostas acerca da qualidade da Educação Infantil, o Ministério da Educação por uma década realizou vários estudos, alterando o que já foi feito, demonstrando uma constante preocupação com a modalidade, conforme dito no Parecer CNE/CEB nº 20/2009, que veio para aperfeiçoar o que já foi dito sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil elaboradas anteriormente na CNE/CEB nº 1/99 e Parecer CNE/CEB nº 22/98), sem invalidar os princípios colocados neste, mas abrindo espaço para novos desafios colocados para a modalidade, que exigiram a reformulação e atualização dessas Diretrizes.⁷⁹

⁷⁶ DOMINGUES, Thaianne de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. *As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - Parecer CNE/CEB Nº 20/2009*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, de 7 a 10 de Nov. de 2011, p. 5356- 5367.

⁷⁷ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁷⁸ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 22/1998. Brasília: MEC/CNE/CEB, 1998, p. 01. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁷⁹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009, p. 02 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Ao fazer uma comparação entre as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil de 1999 e as de 2009, percebe-se a existência de algumas diferenças na quantidade e no conteúdo, visto que as Diretrizes de 1999 apresentavam somente quatro artigos enquanto as Diretrizes de 2009 apresentam treze artigos.⁸⁰

As mudanças já começam a partir do Artigo 2º, que no CNE/CEB nº 1/99 cita de forma superficial as questões curriculares:

Art. 2º Diretrizes Curriculares Nacionais constituem-se na doutrina sobre Princípios, Fundamentos e Procedimentos da Educação Básica, definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que orientarão as Instituições de Educação Infantil dos Sistemas Brasileiros de Ensino, na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.⁸¹

No entanto, as novas diretrizes apontam a necessidade de elaborar, planejar, executar e avaliar as propostas curriculares, as questões curriculares e as propostas pedagógicas, que devem ser construídas visando o bem da criança, conforme segue:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil articulam-se com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e reúnem princípios, fundamentos e procedimentos definidos pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, para orientar as políticas públicas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares.⁸²

Ainda no inciso V do terceiro artigo das diretrizes de 1999, há uma nítida afirmação acerca da idade ideal para a Educação Infantil:

V – As Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de avaliação, através do acompanhamento e dos registros de etapas alcançadas nos cuidados e na educação para crianças de 0 a 6 anos, “sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.⁸³

Enquanto as Novas Diretrizes de 2009, apresentam um artigo especificamente direcionado para a Educação Infantil reafirmando a obrigação do Estado em garantir os direitos

⁸⁰ DOMINGUES, Thaianne de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. *As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - Parecer CNE/CEB Nº 20/2009*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, de 7 a 10 de Nov. de 2011, p. 5356-5367.

⁸¹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 22/1998. Brasília: MEC/CNE/CEB, 1998, p. 17. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

⁸² BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009, p. 18. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 nov. 2017.

⁸³ BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 22/1998. Brasília: MEC/CNE/CEB, 1998, p. 18.

das crianças à educação e confirmando-a como primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas, estabelecimentos educacionais públicos ou privados direcionados para crianças de 0 a 5 anos de idade conforme o parágrafo 2 do mesmo artigo: “§2º É obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5.” No que diz respeito à idade de 06 anos, o parágrafo 3 informa que “§ 3º As crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas na Educação Infantil.”⁸⁴

Nos parágrafos seguintes, o mesmo artigo ainda continua apontando que:

Art.5

[...]

§ 4º A frequência na Educação Infantil não é pré-requisito para a matrícula no Ensino Fundamental.

§ 5º As vagas em creches e pré-escolas devem ser oferecidas próximas às residências das crianças.

§ 6º É considerada Educação Infantil em tempo parcial, a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição.⁸⁵

O 7º artigo das Diretrizes Curriculares de 2009 destaca que os direitos da criança não se restringem apenas a ter o que comer e vestir, ou a ter proteção contra a violência, mas sim abrangem outros direitos como o de interagir saudavelmente com a sociedade e seus diferentes tipos de cultura através de uma educação contextualizada com sociedade. Porém, é muito importante que os direitos da criança sejam promovidos em consonância com a família, pois a interação entre escola e família garante o bem-estar da criança e o sucesso na aprendizagem do aluno.⁸⁶

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

I – oferecendo condições e recursos para que as crianças usufruam seus direitos civis, humanos e sociais;

II - assumindo a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias;

III - possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto a ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas;

IV - promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância;

⁸⁴ CF. BRASIL., 2009, p. 19. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 nov. 2017.

⁸⁵ CF. BRASIL. 2009, p. 19.

⁸⁶ DOMINGUES, Thaiane de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. *As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - Parecer CNE/CEB Nº 20/2009*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, de 7 a 10 de Nov. de 2011, p. 5359.

V - construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa.⁸⁷

O artigo 8º lembra a importância de proteger a criança contra a violência, como também ressalta a importância do papel do educador em perceber violações ou negligências com integridade infantil tanto no ambiente escolar quanto no doméstico e imediatamente comunicar os órgãos competentes. Além disso, o artigo valoriza as diferenças, as deficiências, superdotações e déficits intelectuais e de desenvolvimento, garantindo assim que todas as crianças indistintamente têm os mesmos direitos de estudar e brincar o que as torna iguais.⁸⁸

Art. 8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

[...]

II - a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança;

[...]

V - o reconhecimento das especificidades etárias, das singularidades individuais e coletivas das crianças, promovendo interações entre crianças de mesma idade e crianças de diferentes idades;

[...]

VII - a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.⁸⁹

O 9º artigo das Novas Diretrizes Curriculares pode ser considerado o grande diferencial entre as atuais e as anteriores. O artigo determina os eixos norteadores das propostas curriculares da Educação Infantil especificando a necessidade e a importância da brincadeira e da ludicidade no universo infantil, para que a criança possa se expressar, sentir, se mover e descobrir seu ambiente adequadamente.⁹⁰

Portanto, o artigo adverte que as práticas pedagógicas precisam garantir experiências sensoriais, expressivas e corporais que possibilitem que a criança tenha percepção de si e do mundo ao redor, podendo ser através de um progressivo domínio de vários gêneros e formas de expressão como gestos, diálogos, artes, cinema, fotografia, música, dança, teatro, poesia e

⁸⁷ BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009, p. 19-20.

⁸⁸ CF. DOMINGUES, Thaianne de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. 2011, p. 5362.

⁸⁹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009, p. 20-21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 nov. 2017.

⁹⁰ C.F. DOMINGUES, Thaianne de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. 2011, p. 5362.

literatura, oferecendo vivências com outros grupos culturais, reconhecendo e respeitando a diversidade.

Além disso o artigo aponta a importância de ampliar a confiança da criança em si mesma e nos outros e a sua participação em atividades individuais e coletivas como também a autonomia da criança nas ações de autocuidado e o cuidado e preservação com os recursos naturais e o ambiente em que vive, podendo para isso tudo usar, além do contato direto, vários recursos tecnológicos como máquinas fotográficas, computadores e aparelhos de *DataShow* entre outros.⁹¹ Desta forma, a criança aprende e demonstra essa aprendizagem copiando, modificando e recriando o conhecimento adquirido no ambiente em que vive.

Nas Propostas Pedagógicas de Educação Infantil, a linguagem e a brincadeira são elementos articuladores entre os saberes e os conhecimentos. As experiências com a linguagem devem considerar o papel central da oralidade, materializada em práticas de narrativa que tomam como objeto os saberes e os conhecimentos. A brincadeira, como experiência de cultura e como forma privilegiada de expressão da criança, deve ser vivenciada tanto em situações espontâneas quanto planejadas, com e sem a intervenção do adulto.⁹²

O décimo artigo aborda a avaliação do desenvolvimento da criança na Educação Infantil, de forma a auxiliar os professores do primeiro ano a definir o nível de desenvolvimento de cada aluno por meio de uma avaliação descritiva que possibilite para o professor visualizar o aluno como um indivíduo único e capaz⁹³. Esse artigo considera a avaliação como sendo um instrumento de inclusão, impedindo as instituições de utilizar avaliações de terceiros para decidir se a criança deve ou não ser aceita na instituição.⁹⁴

Consequentemente, o ato de avaliar não pode levar a uma classificação das crianças em ‘aptas’ ou ‘não aptas’, ‘prontas’ ou ‘não prontas’, ‘maduras’ ou ‘imaturas’, tampouco pode servir de instrumento para que as crianças sejam retidas em alguma etapa da educação infantil ou para que tenham seu ingresso no ensino fundamental adiado. As referências para se proceder à avaliação devem ser buscadas na própria

⁹¹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009, p. 21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 nov. 2017.

⁹² BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares da Educação Básica. Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica. Brasília. Junho de 2009, p. 22. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizes_curriculares_consolidado.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2017.

⁹³ DOMINGUES, Thaianne de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. *As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - Parecer CNE/CEB Nº 20/2009*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, de 7 a 10 de Nov. de 2011, p. 5364.

⁹⁴ MICARELLO, Hilda. *Avaliação e Transições na Educação Infantil*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 03. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7163-2-11-avaliacao-transicoes-hilda-micarello/file>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

criança e não em padrões pre-estabelecidos aos quais ela deva corresponder; portanto, não faz sentido, por exemplo, retê-la numa etapa da educação infantil sob o argumento de que ela não tenha alcançado determinados objetivos.⁹⁵

Outro fato importante deste artigo é a existência de documentação específica que permita aos pais um acesso ao registro avaliativo escrito de seu filho, envolvendo-os diretamente com o processo de uma Educação Infantil inovadora com objetivos fixados no intuito de desenvolver a criança, envolvendo-a usando as mais diversas formas indicadas pela proposta pedagógica do Centro de Educação Infantil.⁹⁶

O artigo 11 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil trata das relações entre Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Art. 11. Na transição para o Ensino Fundamental a proposta pedagógica deve prever formas para garantir a continuidade no processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, respeitando as especificidades etárias, sem antecipação de conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.⁹⁷

Esse artigo é um reconhecimento da importância do trabalho realizado na Educação Infantil como também da continuação dessas experiências no Ensino Fundamental. Entretanto, as intervenções pedagógicas não podem antecipar os conteúdos visando preparar a criança para a etapa posterior, isto porque cada etapa possui seus próprios objetivos.

Portanto, “os instrumentos de acompanhamento da prática pedagógica têm a importante função de permitir que os professores e professoras identifiquem os interesses e necessidades que as crianças manifestam no presente”.⁹⁸

⁹⁵ MICARELLO, Hilda. *Avaliação e Transições na Educação Infantil*. 2010, p. 03.

⁹⁶ DOMINGUES, Thaianne de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. *As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - Parecer CNE/CEB Nº 20/2009*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, de 7 a 10 de Nov. de 2011, p. 5364.

⁹⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares da Educação Básica. Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica. Brasília. Junho de 2009, p. 22. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizes_curriculares_consolidado.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2017.

⁹⁸ MICARELLO, Hilda. *Avaliação e Transições na Educação Infantil*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 04. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7163-2-11-avaliacao-transicoes-hilda-micarello/file>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

2.1. O Currículo da Educação Infantil

Debater acerca do conteúdo do currículo da Educação Infantil gerou grandes discussões e criou polêmica entre professores de creches e pré-escolas e os outros educadores e profissionais da educação. Pois, esse debate englobou visões distintas acerca da criança e sua família além das funções da creche e da pré-escola, que na opinião de muitos educadores e especialistas da área, a Educação Infantil não tem vínculo com o currículo que normalmente é associado ao Ensino Fundamental e Médio, às disciplinas e às matérias escolares.⁹⁹

O currículo era visto como uma questão técnica e burocrática tradicional, os profissionais se preocupavam em usar as melhores e mais eficazes técnicas de ensino disponíveis, melhorando a produtividade e o desenvolvimento. Já as teorias críticas e pós-críticas “não se limitam a perguntar ‘o que’, mas submetem este ‘que’ a um constante questionamento. Sua questão central seria, pois, não tanto ‘o que’, mas ‘por que?’”¹⁰⁰

A primeira proposta curricular para a Educação Infantil surgiu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394/96, que nos artigos 9 e 29, se refere ao currículo e à Educação Infantil da seguinte forma:

Art. 9

A União incumbir-se-á de:

I – elaborar o Plano Nacional de Educação, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

[...]

IV – estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum¹⁰¹;

[...]

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.¹⁰²

Em meio a tantas mudanças na legislação nacional, em 1998 surgiu o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, considerado um norteador para as instituições de

⁹⁹ OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *O Currículo Na Educação Infantil: O Que Propõem As Novas Diretrizes Nacionais?*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 3-4. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

¹⁰⁰ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 16.

¹⁰¹ BRASIL, *Lei das Diretrizes e Bases da Educação*, n. 9394 de 20 de dezembro de 21996, p. 10. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2017.

¹⁰² C.F BRASIL, *Lei das Diretrizes e Bases da Educação*, n. 9394 de 20 de dezembro de 1996, p. 17.

Educação Infantil elaborarem as propostas pedagógicas, levando em consideração que as crianças são consideradas como um ser social, histórico e cultural.¹⁰³

O Referencial Curricular de 1998 teve como objetivo colaborar com as políticas e programas de Educação Infantil, disponibilizando informações, discussões e pesquisas e auxiliando técnicos, professores e demais profissionais da modalidade na realização de seus trabalhos educativos, apoiando os sistemas de ensino estaduais e municipais.¹⁰⁴

Além disso, o documento levou em consideração as características emocionais, sociais, afetivas e cognitivas das crianças de zero a seis anos, exigindo que a qualidade das experiências que podem levar essas crianças a exercerem sua cidadania precisa estar fundamentada nos seguintes princípios:

- O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;
- O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.¹⁰⁵

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil de 2009 marcaram uma grande mudança a favor da Educação Infantil determinando que os currículos precisam também incluir e atender crianças de todas as raças, credos, culturas e classes sociais respeitando as individualidades de cada uma delas. Além disso, os currículos devem abordar os princípios éticos, políticos e estéticos responsáveis pela construção da identidade da criança ainda pequena¹⁰⁶. Portanto, a Resolução CNE/CBE n. 5, de 17 de dezembro de 2009 instituiu o currículo na Educação Infantil e o definiu como sendo:

¹⁰³ CLARO, Ana Lucia de Araújo; CITTOLIN, Simone Francescon. *O currículo na Educação Infantil: uma análise teórica*. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014, p. 7. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/571-0.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2017.

¹⁰⁴ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 13.

¹⁰⁵ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 13.

¹⁰⁶ BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009, p. 1. disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Art. 3º O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.¹⁰⁷

As definições das Diretrizes de 2009, colocam em foco a instituição de Educação Infantil como mediadora e promotora das experiências, saberes e conhecimentos culturais mais abrangentes que despertam e aguçam o interesse das crianças. Trata-se de uma importante etapa na área da educação, capaz de avaliar e aperfeiçoar de uma forma inovadora as práticas vividas pelas crianças nas unidades de Educação Infantil.¹⁰⁸

Assim, é preciso entender que elaborar um currículo é um trabalho conjunto, pois trata-se de “uma aposta que contém concepção de infância, de homem, de educação, de conhecimento e de cultura” firmada em bases teóricas articuladas com as práticas, contudo essa aposta precisa da participação de todos para que seja efetivada.¹⁰⁹ Nesse sentido, não se pode considerar e trabalhar o currículo como uma lista de tarefas e metas a serem atingidas.

O currículo é algo vivo e dinâmico. Ele está relacionado a todas as ações que envolvem a criança no seu dia-a-dia dentro das instituições de ensino, não só quando nós professores consideramos que as crianças estão aprendendo. O currículo deve prever espaço de interações entre as crianças sem a mediação direta do professor, e espaços de aprendizagem na interação com os adultos, nos quais as crianças sejam as protagonistas.¹¹⁰

A meta do trabalho pedagógico na Educação Infantil precisa focar na criança e seus direitos e necessidades de ter acesso a um ambiente seguro onde ela possa lidar com emoções como raiva, medo, ciúme ou indiferença e se sentir confiante na construção da sua própria identidade. Sendo assim, trabalhar para que a criança estabeleça uma relação positiva com a instituição educacional é necessário para fortalecer a autoestima, a confiança, a curiosidade e o interesse dessas crianças pelo conhecimento e isso implica na elaboração de um currículo que satisfaça a todos os envolvidos, educadores, alunos e principalmente comunidade, sendo

¹⁰⁷ C.F. BRASIL. 2009, p. 1.

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *O Currículo Na Educação Infantil: O Que Propõem As Novas Diretrizes Nacionais?*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 4. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

¹⁰⁹ KRAMER, Sonia. *Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica*. In: MOREIRA, Antônio Flavio. *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: Papirus, 1999, p. 78.

¹¹⁰ NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. *Currículo e práticas pedagógicas na educação infantil*. Revista Criança do Professor de Educação Infantil, n 43, p. 14-17. 2007, p. 16. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/revista43.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

imprescindível envolver permanentemente a comunidade nas tarefas de planejar e avaliar o que está sendo elaborado nas instituições.¹¹¹

Assim, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil de 2009, o currículo passou a ser elaborado e entendido levando em consideração “o contexto interno e externo em que se situa a instituição, como também as relações que são construídas e mediadas pelas culturas de pares, pois ao se relacionar com seus pares, as crianças criam conhecimentos a partir das experiências que são compartilhadas com o coletivo.”¹¹²

2.1.1 As *políticas educacionais*

Os desafios e os problemas que invadem a sala de aula na atualidade são incontáveis, pois no mundo cada vez mais individualista pode-se reparar na ausência da família na escola, na má condição de trabalho, nas carências e necessidades dos alunos mostrados no centro de um mundo violento, competitivo e intolerante. Esses conflitos desenfiados estão convergindo para o aumento da violência e da intolerância a grupos religiosos, culturais e étnicos.¹¹³

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de ser pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.¹¹⁴

O educador ao abordar o discurso religioso deve ter como meta provocar o debate e junto aos seus alunos buscar identificar os direitos existentes em cada grupo social, partindo de pressupostos de que todos são reflexos das culturas e dos meios onde são percebidos como agentes da própria história, assumindo a responsabilidade por suas escolhas e ações.¹¹⁵

Desta forma, acredita-se que a educação não pode ter apenas consequências privadas, assim a educação nos conceitos religiosos tem como proposta alcançar uma forma de

¹¹¹ OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *O Currículo Na Educação Infantil: O Que Propõem As Novas Diretrizes Nacionais?*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 9. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

¹¹² CLARO, Ana Lucia de Araújo; CITTOLIN, Simone Francescon. *O currículo na Educação Infantil: uma análise teórica*. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014, p. 7. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/571-0.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2017.

¹¹³ MORAIS, Maria Nasaluce de. *A Diversidade Religiosa e a Disciplina Ensino Religioso na E.E.E.F.M. José Nominando. Água Branca*. Paraíba. 2014, p. 24.

¹¹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes Necessário a Prática Educativa*. Editora. EGA. São Paulo, 1996, p. 52.

¹¹⁵ C.f. MORAIS, Maria Nasaluce de. *A Diversidade Religiosa e a Disciplina Ensino Religioso na E.E.E.F.M. José Nominando. Água Branca*. 2014, p. 24.

espiritualidade que pode intervir na vida das pessoas, influenciando-as de tal forma que possam cumprir sua temporalidade nas relações sociais.¹¹⁶

A tradição proselitista desrespeita o direito a diversidade religiosa, cultural e democrática. Em uma sociedade pluralista é necessário respeitar a todos os grupos e culturas que a constituem para fazer valer o direito à democracia. Em um mundo competitivo é preciso valorizar o respeito e a tolerância na sociedade e isso é algo que não se atinge facilmente na escola. Se faz necessário vincular a escola com as questões sociais e os valores democráticos, proporcionando o conhecimento de todas as esferas, históricas, políticas e sociais que contribuíram para o desenvolvimento da cultura.¹¹⁷ Dessa forma, o uso do discurso religioso deve respeitar estas curiosidades e fomentar as descobertas, através de estudos e pesquisas inovadoras, pois,

Ensinar exige comprometimento – outro saber que devo trazer comigo e que tem que ver com quase todos os de que tenho falado é o de que não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesa, e não nos molharmos. Não posso ser professor sem me por diante dos alunos sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente.¹¹⁸

2.1.2 *O professor e as práticas pedagógicas na Educação Infantil*

O professor tem a missão de incitar na criança maiores predicados, suscitando a sua completa formação como ser humano. Portanto, é necessário garantir o direito de criar, brincar e de aprender “enfrentando os desafios de pensar a creche, a pré-escola e a escola como instâncias de formação cultural; o desafio de pensar as crianças como sujeitos da cultura e história, como sujeitos sociais.”¹¹⁹

O formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (ecoformação).¹²⁰

¹¹⁶ SILVA, Raylinn Barros da. *Historia do Ensino Religioso no Brasil: limites e desafios para um ensino Humanitário*. UNICAMP. São Paulo. 2002, p. 29.

¹¹⁷ C.f. MORAIS, Maria Nasaluce de. *A Diversidade Religiosa e a Disciplina Ensino Religioso na E.E.E.F.M. José Nominando. Água Branca*. 2014, p. 25.

¹¹⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes Necessário a Prática Educativa*. Editora. EGA. São Paulo, 1996, p. 59.

¹¹⁹ KRAMER, Sônia. *De que professor precisamos para a educação infantil?* In: Revista Pátio Educação Infantil, ano I, n. 2. Rio de Janeiro, Ago/Nov 2003, p. 10.

¹²⁰ NÓVOA, António Sampaio da (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2007, p. 16.

Nesse sentido “...o professor, como produtor de conhecimentos que é, julga-se necessário refletir com ele como se (re) apropriar de conhecimentos que permitam reconstruir continuamente a sua prática docente”.¹²¹ O professor precisa ser comprometido e carinhoso ao mesmo tempo ao lidar com as crianças, suas estratégias de ensino devem gerar atividades lúdicas educacionais com avaliação diagnóstica: buscar novos métodos baseando-se naquilo que a criança sabe, gosta ou apresenta dificuldades em fazer, isto porque simplesmente a criança já conhece suas limitações e dificuldades “(...) estar na relação com as crianças (e não só com alunos!), mergulhar na aventura em busca do desconhecido, construir a identidade de grupo junto com as crianças.”¹²²

...se queremos formar um professor que seja sujeito consciente, crítico, atuante e tecnicamente competente é preciso dar condições, na sua formação, para que ele vivencie situações que o levem a incorporar essas habilidades e comportamentos ... experiências e vivências que os levem a alterar suas práticas de ensino.¹²³

Assim sendo, “o espaço da sala de aula deve contemplar o conceito de liberdade contextualizada, ambiente planejado com opções de atividades determinadas e claras, oportunizando à criança livre escolha de ação.”¹²⁴ Escolher qual material didático usar nas aulas precisa ser decidido na hora do planejamento. Um bom planejamento é importante para um melhor atendimento das crianças em suas particularidades.

A formação do professor da Educação Infantil dever ser permanente e articulada à prática, pois é na experiência cotidiana que o professor reconhece as suas limitações e necessidades, além disso a formação deve lhe proporcionar oportunidades de construir propostas pedagógicas que contemplem aspectos singulares e coerentes com as especificidades infantis.¹²⁵ Desse modo, o professor precisa “garantir às crianças seu direito de viver a infância e se desenvolver, as experiências no espaço de Educação Infantil devem possibilitar o encontro

¹²¹ ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazos Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papirus, 3ª edição. Série Prática Pedagógica, 1995, p. 107.

¹²² OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade*. A criança em foco, 2012, p. 190.

¹²³ ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazos Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papirus. 3ª edição. Série Prática Pedagógica, 1995, p. 115.

¹²⁴ PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. *A adaptação da criança no tempo e no espaço da Educação Infantil e o trabalho com as diversas linguagens*. In: Fundamentos da Educação Infantil. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2010, p. 78.

¹²⁵ BRASIL, Ministério da Educação. *Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2009, p. 14.*

pela criança de explicações sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de agir, sentir e pensar.”¹²⁶

Mas, para que o professor possa garantir todos esses direitos, é necessário que ele mesmo tenha a garantia de dispor e desfrutar de condições de trabalho adequadas para desenvolver suas práticas com ótima qualidade levando em consideração o tempo e espaço a ele permitido para que ele consiga planejar, notificar, interagir e organizar, ou seja, é preciso da garantia de ter um tempo adequado para o professor aplicar as atividades de estudo e planejamento; além disso é de extrema importância que tenha a “proporção adequada do número de crianças por professor, relacionado ao tamanho do espaço físico; participação na elaboração da proposta pedagógica da escola e autoria de seu planejamento e ação educacional”.¹²⁷

Dessa forma, cabe ao professor estar sempre atualizando seus conhecimentos pedagógicos de modo que se adequem ao momento atual, motivando o aluno a participar e ser parte do processo de desenvolvimento social.

O professorado, diante das novas realidades e da complexidade de saberes envolvidos presentemente na sua formação profissional, precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacidade operativa nas exigências da profissão, propósito ético para lidar com a diversidade cultural e a diferença, além, obviamente da indispensável correção nos salários, nas condições de trabalho e de exercício profissional.¹²⁸

Nesse sentido, várias práticas pedagógicas tornam-se obsoletas, ineficazes e inúteis e, portanto, precisam ser deixadas de lado, pois elas não despertam mais o interesse nem o senso crítico da criança no mundo atual, “Isto põe em questão o próprio processo de formação pelo qual o professor passou e que deveria ter-lhe dado instrumental para possíveis análises. [...] O que se verifica, então, é a efetivação de um fazer não reflexivo, que se repete inúmeras vezes entre os pares.”¹²⁹

Desde o início, mesmo sendo o profissional responsável pela formação dos futuros e bons cidadãos, o professor se depara com muitos obstáculos na sua carreira, seja no

¹²⁶ OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *O Currículo Na Educação Infantil: O Que Propõem As Novas Diretrizes Nacionais?*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 3-4. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

¹²⁷ BARBOSA, Maria Carmem. *Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a Reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília, MEC: 2009, p. 38. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2107.

¹²⁸ LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 76.

¹²⁹ ANGOTTI, Maristela. *Semeando o trabalho docente*. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de. (org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 62.

desenvolvimento de suas práticas e ações pedagógicas, ou mesmo no exercício da sua profissão como tudo, já que não se sente valorizado, sendo tratado como mero instrumento transmissor de saberes que reproduz programas pré-concebidos, sendo apontado como inapto e desqualificado para uma carreira quase extinta que exige muito e oferece pouco econômica e socialmente.¹³⁰

2.2 A inserção da religião nas práticas pedagógicas

Pode-se dizer que a primeira inserção do ensino religioso na educação no Brasil, mesmo não se tratando oficialmente de disciplina, data do período colonial quando os portugueses e os padres jesuítas passaram a catequisar africanos e indígenas, surgindo assim em 1707 as primeiras normas eclesiásticas legislativas tratando da educação religiosa no Brasil, as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, um dos mais importantes documentos de cunho religioso dos tempos coloniais.¹³¹

O percurso do Ensino Religioso no espaço da escola tem uma história longa e certamente muito acidentada, que perpassa inúmeros debates institucionais e legais tanto para a construção da legislação quanto para a aplicação do que foi decidido. Cada palavra dos decretos ou leis sempre esteve envolvida pela disputa entre Estado e instituições religiosas. Cabe situar aqui a questão representada pela suposta homogeneidade da opção religiosa do povo brasileiro como decorrência da colonização portuguesa, no regime do padroado, durante o período da monarquia, e com forte influência durante os governos.¹³²

Os párocos tinham o dever de doutrinar os escravos e os meninos, porém vale destacar novamente que o Ensino Religioso não era tratado como uma disciplina, mas sim uma formação religiosa.

Os meninos aprendiam a ler e escrever através de livros religiosos [...] simultaneamente com a alfabetização ocorria a doutrinação das crianças de acordo com os princípios da religião católica, a preocupação das autoridades da época era conciliar o ensino das letras, da matemática com o ensino da religião. Tal tarefa era facilitada pelo regime de padroado [...] A Igreja Católica estava subordinada ao Estado, funcionava como um departamento deste. A esfera da educação era

¹³⁰ PEREIRA, Liliana Patrícia Lemus Sepúlveda; MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. *A identidade e a crise do profissional docente*. In: BRZEZINSKI, Iria (org.). *Profissão Professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano Editora, 2002. p. 113.

¹³¹ RANQUETAT, César Jr. *Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, São Paulo, n.1, 2007, p. 163-164. Disponível em: <www.csonline.ufjf.br/artigos/arquivos/religiao.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2017.

¹³² OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. ALVES, Luiz Alberto Sousa. KEIM, Ernesto Jacob. *Ensino religioso: no ensino fundamental*. 1ªed. SP: Cortez, 2007, p. 49.

comandada pela Igreja Católica [...] os padres eram os professores e os catequizadores.¹³³

O Ensino Religioso passa a ter um caráter educacional quando o Brasil é considerado um império cuja religião oficial é o catolicismo, demonstração da união entre o Estado e a Igreja,

No século XIX, o Brasil assume a condição de Império e o estado brasileiro passa a ter o Catolicismo como religião oficial, a união entre Estado e Igreja é firmada na Constituição de 1824, nesse contexto o ensino religioso na educação brasileira se afirma através da lei de 15 de outubro de 1827 que estabelecia em seu artigo 6º que os professores deveriam ensinar a ler e escrever, as operações aritméticas, as noções de geometria, a gramática e os princípios de moral cristã e da fé católica.¹³⁴

No entanto, com o fim do império, os alunos não católicos deixaram de ser obrigados a frequentar as aulas de Ensino Religioso de caráter católico, que com a lei 1401, de 5 de julho de 1882, “foi substituído pela disciplina de educação moral e cívica, que visava transmitir e inculcar nas novas gerações, os valores republicanos e seculares.”¹³⁵

Mais tarde A Constituição de 1891 oficializou a separação entre Igreja e Estado, e com isso o Ensino Religioso deixou de existir nas escolas brasileiras, fato que gerou inúmeras críticas por parte dos bispos e dos conservadores que:

Pretendiam uma distinção entre o poder espiritual e o poder temporal, mas discordavam com a total separação entre Igreja e Estado. Para estes, caberia ao poder espiritual tudo aquilo que se relaciona com as questões espirituais, sobrenaturais. Já o poder temporal deveria se preocupar com as questões naturais e de ordem política e social. Ambos os poderes tinham suas responsabilidades e competências específicas, mas deveriam viver em clima de harmonia e aliança.¹³⁶

Após uma disputa sobre religião e laicidade que seguiu até 1928, o governo de Minas Gerais decretou a permissão do Ensino Religioso nas escolas públicas de estado e em 1929 a assembleia legislativa de Minas Gerais determinou por lei a frequência facultativa às aulas da disciplina nas escolas públicas do estado, sem mencionar uma ou outra religião em particular.

¹³³ RANQUETAT, César Jr. *Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, São Paulo, n.1, 2007, p. 164. Disponível em: <www.csonline.ufjf.br/artigos/arquivos/religiao.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2017.

¹³⁴ VALÉRIO, Denise Bezerra. *O Ensino Religioso Na Escola: Uma Questão Complexa*. ARCOVERDE – PE. Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação “Lato Sensu” Em Programação do Ensino de História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde-CESA em convênio com a Universidade de Pernambuco - UPE, como cumprimento às exigências para obtenção do título de especialista. 2008, p. 20. Disponível em: <<http://www.gper.com.br/documentos/00119ensinoreligiosoescola.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

¹³⁵ C.F. VALÉRIO, Denise Bezerra. *O Ensino Religioso Na Escola: Uma Questão Complexa*. 2008, p. 20.

¹³⁶ RANQUETAT, César Jr. *Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, São Paulo, n.1, 2007, p. 164. Disponível em: <www.csonline.ufjf.br/artigos/arquivos/religiao.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2017.

Logo mais em 1931, por meio do decreto federal nº 19.941 tornou-se oficialmente facultativa a oferta do Ensino Religioso nas instituições de ensino, cabendo aos pais escolherem pela dispensa ou não dos alunos e ficando a organização dos conteúdos e a escolha dos livros a cargo dos ministros dos respectivos cultos como também cabia às autoridades de cada culto escolherem os professores.¹³⁷

Em 1934, a Constituição Federal de 1934 assegurou o Ensino Religioso nas escolas públicas. O artigo 153 da referida lei estabelecia que a frequência às aulas de Ensino Religioso era facultativa e que as mesmas seriam ministradas de acordo com a confissão do aluno, do seus pais ou responsáveis, mas constituirá matéria de horário normal nas escolas normais, públicas, primárias e profissionais.¹³⁸

Em 1961 foi publicada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei que regulamenta o sistema educacional, contudo no decorrer da sua elaboração houve um grave embate entre representantes religiosos que defendiam o Ensino Religioso nas escolas públicas e os representantes do ensino laico, o que resultou na vitória da igreja católica conseguindo incluir o Ensino Religioso na LDB de 1961¹³⁹, que previa no artigo 97:

O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa, e será ministrado sem ônus para os poderes públicos, de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável.

§ 1º A formação de classe para o ensino religioso independe de número mínimo de alunos.

§ 2º O registro dos professores de ensino religioso será realizado perante a autoridade religiosa respectiva.¹⁴⁰

Em 22 de julho de 1997, o presidente da República Fernando Henrique Cardoso redigiu o artigo 33 da LDB de 1996 que mediante a lei 9475/97, ficou com a seguinte redação:

Art. 33. O ensino religioso é parte integrante da formação básica do cidadão, constituindo disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural e religiosa do Brasil, vedando qualquer forma de proselitismo,

§ 1º os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação dos professores.

¹³⁷ CF.VALÉRIO, Denise Bezerra. 2008, p. 20.

¹³⁸ POLETTI, Ronaldo. Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, *Constituições Brasileiras*, 1934, 3ª. ed. Brasília. 2012, p. 139. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137602/Constituicoes_Brasileiras_v3_1934.pdf?sequence=10>. Acesso em: 25 out. 2017.

¹³⁹ FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *O Ensino Religioso no Brasil - tendências, conquistas e perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 62.

¹⁴⁰ BRASIL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional [online]. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm>. Acesso em: 25 out. 2017.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas para a definição dos conteúdos de ensino religioso.¹⁴¹

As mudanças ocorridas no artigo 33 da LDBEN 9.394/96 em 1997, estabeleceram uma nova abordagem para o Ensino Religioso, que norteado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, deixou de ser teológico para adotar um papel pedagógico ao fazer uma releitura do fenômeno religioso, no entanto, a despeito da Lei, alguns educadores da área do Ensino Religioso ainda praticam o proselitismo em sala de aula, na maioria das vezes, o professorado aborda uma proposta interconfessional cristã, deixando de lado outras tradições religiosas, lesando os direitos de outros, portanto todos os indivíduos precisam conhecer imparcialmente as filosofias das diversas religiões praticadas no Brasil.¹⁴²

2.2.1 *As abordagens religiosas utilizadas nas práticas pedagógicas*

Envolvendo no manto da laicidade as escolas se viram na obrigação de superar os paradigmas do Ensino Religioso tradicional catequécista, e impelidas a construir um conceito inovador que não aborde a religião em si, mas os conceitos e valores necessários para a formação integral do aluno, visando à construção de uma identidade livre.¹⁴³

Dessa forma, o novo papel do Ensino Religioso nas escolas é definido da seguinte forma: a) Atuar como instância articuladora dos meios que proporcionam às gerações do presente e do futuro as razões de ser e estar no mundo; b) Fortalecer as predisposições naturais de cada ser humano em perceber a vida como um dom gratuito e o mundo como um todo, onde pensa, sente, decide e age como alguém chamado e a realizar aí um projeto existencial.¹⁴⁴

É necessário ter uma abertura para o saber e para a diversidade religiosa do aluno, é preciso uma orientação para as mudanças sociais e esse papel cabe ao educador, pois o dever dele é lutar e assegurar esta conquista. O professor precisa assumir, em sua prática pedagógica, o desafio de ajudar os alunos a ingressarem na sociedade e na cultura através de um diálogo com a realidade social e cultural circundante da escola.

¹⁴¹ BRASIL. LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1997 [online]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm>. Acesso em: 25 out. 2017.

¹⁴² OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. ALVES, Luiz Alberto Sousa. KEIM, Ernesto Jacob. *Ensino religioso: no ensino fundamental*. 1ªed. SP: Cortez, 2007, p. 49.

¹⁴³ SILVA, Bruno Luciano de Paiva. *Um novo conceito de Ensino Religioso: para uma formação integral do educando*. 2012, [online]. Disponível em: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e5s29-um-novo-conceito-de-ensino-religioso-para-uma-formacao-integral-do-educando/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

¹⁴⁴ FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *Ensino Religioso Perspectivas Pedagógicas*. (Col, ERE. Série Fundamentos). Petrópolis: Vozes, 1994, p. 114. (Col, ERE. Série Fundamentos).

2.2.2 A dimensão ética: ensinando valores e cidadania

A educação moral é de suma importância para a formação do educando. Por isso, é necessário proporcionar uma formação ética a partir do aprendizado dos costumes, da diferença, da convivência e dos princípios da justiça, da não-violência, da solidariedade e da responsabilidade. Assim, o agir dos educandos passa a pressupor a ética.¹⁴⁵

Os costumes, valores e normas são construídos historicamente. É desse modo que se constitui o ethos. Assim, “ethos, como costume, articula-se às escolhas que o sujeito faz ao longo da vida.”¹⁴⁶

Cabe ao professor fornecer esses princípios para que o educando possa pautar sua ação: princípio da justiça, da não-violência, da solidariedade e da responsabilidade. Ao se inspirar no ideal de ser justo, que consiste no respeito pelo outro que se iguala enquanto espécie, ao respeitar a não-violência, as diferenças, ao ser solidário com o outro sem esperar dele reciprocidade e ser responsável não apenas com a alteridade, mas crê todo planeta, o educando estará agindo eticamente.¹⁴⁷

Educar para a cidadania é para a participação ativa do aluno na sua comunidade, no seu meio, uma participação voltada para as mudanças sociais, através de um ensino religioso que gera condições para o educando se tornar um agente histórico capaz de transformação social. Essa forma de ensino religioso conduz o aluno a conscientizar de sua dimensão política e a participação ativa na sua comunidade.

sem consciência política nada seria possível. Essa tarefa cabe à educação. Torna-se urgente educar para a cidadania, para ser possível vislumbrar o bem comum e o exercício da participação. Cabe à educação o descortinar horizontes, tendo em vista o bem comum, processo de longe duração, mas possível.¹⁴⁸

Abordar o ensino religioso se baseando em valores exige do professor um novo paradigma didático, que esteja em sintonia com o novo contexto cultural e social. Assim, a

¹⁴⁵ C.f. SILVA, Bruno Luciano de Paiva. *Um novo conceito de Ensino Religioso*: para uma formação integral do educando. 2012, [online]. Disponível em: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e5s29-um-novo-conceito-de-ensino-religioso-para-uma-formacao-integral-do-educando/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

¹⁴⁶ FERREIRA, Amauri Carlos. *Ensino Religioso nas fronteiras da Ética*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 32.

¹⁴⁷ SILVA, Bruno Luciano de Paiva. *Um novo conceito de Ensino Religioso*: para uma formação integral do educando. 2012, [online]. Disponível em: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e5s29-um-novo-conceito-de-ensino-religioso-para-uma-formacao-integral-do-educando/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

¹⁴⁸ GONÇALVES FILHO, Tarcízio. *Ensino Religioso e a formação do ser político*. Uma proposta para a consciência de cidadania,. (Col. ERE – série fundamental). Petrópolis: Vozes, 1998, p. 106.

didática exige: a) uma transformação cultural: nova cosmovisão; b) e uma transformação educacional: novo paradigma. Assim, a nova didática do ensino religioso precisa ser marcada pela alegria, que passa a ser o tom didático do ensino religioso, é entendida como uma satisfação no encontro, no diálogo, na compreensão e no amor ao educando. Alegria de um ensino religioso voltado para a formação integral do educando.¹⁴⁹

2.2.3 A laicidade na Educação Infantil da rede pública de ensino

O termo laicidade surgiu no século XIX relacionado ao adjetivo laic - aquele que não pertence ao clero – e ao termo laos, que deriva do grego e significa povo. Em 1871 foi relacionado ao ensino público francês e seu surgimento foi assinalado pelo Novo Dicionário de Pedagogia e de instrução primária, de autoria de Ferdinand Buisson, publicado em 1887.¹⁵⁰

No apontamento sobre laicidade, citado nesse dicionário, Buisson citado por Domingos, entende-se que:

Revolução Francesa fez aparecer pela primeira vez com clareza a ideia de Estado laico, de Estado neutro entre todos os cultos, independente de todos os clérigos, liberado de toda concepção teológica. (...) Apesar das reações, apesar de tantos retornos diretos ao antigo regime, apesar de quase um século de oscilações e de hesitações políticas, o princípio sobreviveu: a grande ideia, a noção fundamental do Estado Laico, quer dizer, a delimitação profunda entre o temporal e o espiritual entrou nos costumes de maneira a não mais sair.¹⁵¹

Ainda assim, para Domingos:

O princípio da laicidade é, ao mesmo tempo, o de afastamento da religião do domínio político e administrativo do Estado, e do respeito ao direito de cada cidadão de ter ou não ter uma convicção religiosa e de professá-la. Tem como ideal a igualdade na diversidade, o respeito às particularidades e a exclusão dos antagonismos.¹⁵²

A laicidade vincula a liberdade de consciência, é a autonomia individual e o princípio de igualdade entre os homens, garantia da liberdade de pensamento dentro de uma comunidade política.

¹⁴⁹ C. f. SILVA, Bruno Luciano de Paiva. *Um novo conceito de Ensino Religioso: para uma formação integral do educando*. 2012, [online]. Disponível em: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e5s29-um-novo-conceito-de-ensino-religioso-para-uma-formacao-integral-do-educando/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

¹⁵⁰ DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. *Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância*. Revista de Estudos da Religião. ISSN 1677-1222. Setembro. 2009. P. 48.

¹⁵¹ DOMINGOS, Marília de F. N. *Escola e laicidade*. O modelo francês, Interações cultura e Comunidade. Vol 3. n. 4. Uberlândia: Universidade Católica:153-170fls. 2008, p. 157.

¹⁵² C.F. DOMINGOS, 2009, p. 50.

Sob influência da França a laicidade marca história no Brasil e a partir da Proclamação da República, em 1889, o Estado promulgou a Constituição de 1981, que declarou a separação do Estado e a Igreja no Brasil. Dessa forma, a religião passava de esfera pública para privada e o Estado não poderia mais financiar qualquer atividade religiosa.

De acordo com Raposo:

A Constituição Republicana de 1891, adotando o modelo federal, preocupou-se em discriminar a competência legislativa da União e dos Estados em matéria educacional. Coube à União legislar sobre o ensino superior enquanto aos Estados competia legislar sobre ensino secundário e primário, embora tanto a União quanto os Estados pudessem criar e manter instituições de ensino superior e secundário. Rompendo com a adoção de uma religião oficial, determinou a laicização do ensino nos estabelecimentos públicos.¹⁵³

A laicidade é um dos princípios dos Estados Modernos, como, por exemplo, o Brasil. Mas, o tema carrega significados bem mais fortes do que o mero fato de ser um preceito. Atribui-se ao início das discussões sob o assunto ao Estado Francês, que em 1880 notadamente com leis escolares institucionaliza este princípio. A laicidade francesa deu-se através de uma construção histórica de mais de um século e hoje encontra-se difundida em diversos países, sem jamais ter suscitado tantos debates como naquele país, em especial no campo da Educação.¹⁵⁴

Ao analisar a história da Educação Infantil é possível observar a sua relação com a religião, visto que, as primeiras ações voltadas para o ensino de crianças pequenas foram instituições privadas de cunho religioso e/ou filantrópico que atendiam os filhos das trabalhadoras.

¹⁵³ RAPOSO, Gustavo de Resende. *A educação na Constituição Federal de 1988*. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 641, 10 abr. 2005. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/6574/a-educacao-na-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

¹⁵⁴ DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. *Escola e laicidade: o modelo Francês*. Interações – Cultura e Comunidade, v. 3, n° 4, p. 153-170fls. 2008, p. 2.

3 CAMPO DE PESQUISA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Caracterização do município e das escolas investigadas

Marataízes é um município localizado no litoral sul do estado do Espírito Santo, Brasil. Com pouco mais de trinta e seis mil habitantes, a cidade tem sua economia voltada para as produções agrícolas de abacaxi, mandioca e cana-de-açúcar. Além disso, o turismo, a pesca e o comércio local contribuem para manutenção econômica do município.

Sua rede municipal de ensino oferta Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos e destas modalidades, a Educação Infantil, objeto da pesquisa de campo em questão, oferta um total de vinte e três escolas das quais, onze atendem como creche, recebendo matrículas de crianças de seis meses de vida a quatro anos de idade.

A escolha das duas creches a serem pesquisadas através dos seus professores se deu por meio de observações realizadas pela pesquisadora e também pelo fato de serem escolas “modelos”, localizadas na zona urbana do município.

Para o início da análise dos dados obtidos através das entrevistas aplicadas às profissionais das escolas escolhidas torna-se necessário fazer uma breve apresentação das características dessas duas instituições.

3.1.1 CMEI “Dona Lili Brumana”

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Dona Lili Brumana” localiza-se na Rua José Brumana, no bairro Barra de Marataízes em Marataízes – ES. Atualmente, após algumas mudanças em seu espaço físico, a escola possui seis turmas de alunos, com idades que variam entre seis meses de vida a quatro anos de idade. A creche oferece para os alunos alimentação adequada: café da manhã, almoço e lanches da tarde.

Trata-se de uma creche municipal que tem oitenta e seis crianças matriculadas e vinte e oito funcionários, que além dos professores, incluem outros profissionais, como: auxiliares de sala, cozinheira, auxiliares de serviços gerais, coordenadores de turno, pedagogo, inspetor de disciplina e gestor escolar.

O andamento das atividades dentro da escola acontece de forma agradável. O grupo de funcionários apresenta uma relação harmoniosa entre os colegas de trabalho, alunos,

pais/responsáveis e comunidade. É possível observar a satisfação e o bom desenvolvimento das respectivas funções de cada um.

Os alunos frequentam a escola no horário das sete horas da manhã às dezesseis horas e quarenta minutos, horário em que muitos pais/responsáveis estão trabalhando e necessitam desse espaço para deixarem as crianças durante essas horas.

Durante o período em que as crianças ficam na escola, são realizadas diversas atividades educativas e lúdicas, que englobam a aprendizagem, brincadeiras e cuidados. Todos os alunos recebem atenção e cuidados de acordo com suas especificidades. As turmas são divididas por faixa etária e são denominadas: Berçário 1 para crianças de 6 meses a 1 ano de idade ; Berçário 2 para crianças de 1 a 2 anos de idade; Maternal 1 para crianças de 2 a 3 anos de idade e Maternal 2 para crianças de 3 a 4 anos de idade.

Determinadas turmas possuem apenas um professor titular, que trabalha em dois turnos com as mesmas salas de aula. Outras turmas possuem dois professores titulares, sendo um no turno matutino e outro no turno vespertino. Os alunos ainda têm aulas das disciplinas de Educação Física e Artes, com professores habilitados de cada área. Além disso, tomam banho, escovam os dentes e têm um período de descanso, denominado “hora do sono”.

O ambiente físico apresenta instalações adequadas à Educação Infantil e é composto por seis salas de aula em uso, possui também uma secretaria, sala de professores, lavanderia, uma cozinha, refeitório, banheiros, banheiro com chuveiro e pátio coberto. Oferece água filtrada e o saneamento básico da rede pública, e energia elétrica.

As salas de aula apresentam instalações de acordo com a faixa etária dos alunos que a frequentam. Portanto, algumas possuem berços e objetos diversos para atividades e cuidados com bebês e outras possuem mesas e cadeiras, também adequadas às idades. Todas têm armários de aço para organização do espaço e as paredes são destinadas à colagem de cartazes lúdicos, educativos e atividades realizadas pelas turmas.

A Escola dispõe ainda dos seguintes equipamentos: 2 televisões, 1 DVD, 1 impressora, 1 impressora multifuncional, 1 equipamento de som, 1 máquina fotográfica, 1 computador para o uso administrativo.

3.1.2 CMEI “Priscila Ferreira da Silva”

O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Priscila Ferreira da Silva”, é de natureza municipal pública e se localiza na Rua Goiás, bairro Ilmenita - Marataízes – ES. A

escola possui nove turmas de alunos, que assim como o CMEI “Dona Lili Brumana” possuem idades que variam entre seis meses de vida a quatro anos de idade. A creche oferece para os alunos alimentação adequada: café da manhã, almoço e lanches da tarde.

Denominada creche da rede pública municipal, a instituição está localizada em uma região de “periferia” e, apesar de próxima ao centro da cidade, a região ao seu redor não dispõe de uma boa infraestrutura, como, por exemplo, ruas calçadas e boa iluminação pública.

Atualmente atende cento e dezessete crianças matriculadas e possui 61 funcionários dentre os quais há professores, auxiliares de sala, cozinheira, auxiliares de serviços gerais, coordenadores de turno, pedagogo, inspetor de disciplina e gestor escolar.

Salvo algumas particularidades, geralmente oriundas dos pais/responsáveis e comunidade escolar, o andamento do trabalho acontece de forma harmoniosa e os servidores desempenham com integridade suas respectivas funções.

Seu horário de funcionamento é das sete horas da manhã às dezesseis horas e quarenta minutos e durante esse período as crianças participam de diversas atividades educativas e lúdicas. As turmas, assim como o CMEI “Dona Lili Brumana”, são divididas pelas mesmas faixas etárias e também denominadas Berçário I, Berçário II, Maternal I e Maternal II. Todos os alunos recebem atenção e cuidados de acordo com suas especificidades.

Determinadas turmas possuem um professor titular, que trabalha em dois turnos com as mesmas salas de aula e outras turmas possuem dois professores titulares, sendo um no turno matutino e outro no turno vespertino. Os alunos ainda têm aulas das disciplinas de Educação Física e Artes, com professores habilitados de cada área. Além disso, durante o tempo na escola eles tomam banho, escovam os dentes e têm um período de descanso, denominado “hora do sono”.

A instituição conta com um ambiente físico e instalações adequadas ao funcionamento da Educação Infantil. Trata-se de um amplo espaço que é composto por 10 salas de aula - nove em uso-, sala de diretoria, sala de secretaria, sala de professores, almoxarifado, sala de leitura, berçário, lavanderia, uma cozinha, refeitório, despensa, banheiro dentro do prédio, banheiro com chuveiro, banheiro adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, banheiro adequado à educação infantil, parque infantil, pátio coberto e pátio descoberto.

Assim como no CMEI “Dona Lili Brumana”, as salas de aula apresentam instalações de acordo com a faixa etária dos alunos que a frequentam. Algumas possuem berços e objetos diversos para atividades e cuidados com bebês e outras possuem mesas e cadeiras, também adequadas às idades. Todas têm armários de aço para organização do espaço e as paredes são destinadas à colagem de cartazes lúdicos, educativos e atividades realizadas pelas turmas.

Os ambientes externos são compostos por acabamentos, brinquedos e mobílias que acrescentam e facilitam a funcionalidade dos trabalhos e além disso a escola também dispõe de recursos como: 3 televisores, 2 DVDs, 1 impressora multifuncional, 1 equipamento de som, 1 máquina fotográfica, 1 computador para o uso administrativo.

Conforme as definições previstas e aprovadas pelo comitê de ética, diante dos questionamentos realizados nas entrevistas foi garantido aos participantes da pesquisa o sigilo e anonimato, esclarecendo que apenas a pesquisadora, o orientador e quem tiver ligação direta com o trabalho, teriam acesso às informações levantadas. Assim, as professoras seriam identificadas como professora 1, professora 2, professora 3 e assim sucessivamente garantindo o anonimato.

3.2 Análise dos dados

Para possibilitar a comparação dos dados optou-se pelo número de 12 profissionais, para serem entrevistados, pois alguns se negaram a responder, outros simplesmente não responderam à solicitação feita, chegando a esse número em uma das escolas, o que implicou na escolha final do número dos entrevistados na outra escola.

Após a distribuição do questionário, um profissional do sexo masculino se negou a responde-lo e, portanto foi escolhido outro para ocupar a vaga e o que por coincidência o grupo entrevistado acabou sendo formado somente por profissionais do sexo feminino. As entrevistadas trabalham nas escolas escolhidas há pelo menos 01 ano, não foram escolhidas profissionais com contratos mais recentes.

Traçando um perfil das profissionais entrevistadas nas duas instituições escolhidas, verificou-se que estas têm idade variando entre 27 e 58 anos, conforme mostrado nas tabelas a seguir.

Tabela1: Idade e tempo de profissão do CMEI “Priscila Ferreira da Silva”.

Professora	Idade	Anos de docência
Professora 1	34	6
Professora 2	34	15
Professora 3	31	2 anos e 8 meses
Professora 4	30	2 anos e 9 meses
Professora 5	36	6
Professora 6	39	8

Professora 7	27	6
Professora 8	31	3
Professora 9	55	5
Professora 10	41	3
Professora 11	51	12
Professora 12	54	4

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES

Na Tabela 1 percebe-se que 83% das entrevistadas estão lecionando há menos de dez anos enquanto 17% apresentam mais de uma década de atuação na mesma disciplina e na mesma escola. Além disto vê-se que 10% tem menos de 30 anos de idade, 50% tem entre 30 e 40 anos enquanto 30% tem acima de 50 anos.

Tabela 2: Idade e tempo de profissão do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Professora	Idade	Anos de docência
Professora 1	35	11
Professora 2	38	11
Professora 3	47	4
Professora 4	30	6
Professora 5	55	17
Professora 6	37	3
Professora 7	56	2 anos e 9 meses
Professora 8	48	16
Professora 9	27	4
Professora 10	33	6
Professora 11	36	3
Professora 12	58	1

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

Na Tabela 2 percebe-se que 64% das entrevistadas têm menos de 10 anos de profissão enquanto 36% tem entre 10 e 17 anos. Além disto vê-se que 8% tem menos de 30 anos de idade, 50% tem entre 30 e 40 anos enquanto 25% tem acima de 50 anos.

Ao serem questionadas acerca da utilização das representações religiosas na sala de aula, a maioria das entrevistadas respondeu positivamente. Nota-se que somente uma entrevistada do CMEI “Priscila Ferreira da Silva” respondeu que não utiliza nenhum termo religioso e uma das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana” respondeu que faz uso, mas esporadicamente.

Para a próxima pergunta as respostas também foram bem próximas, transcreve-se a seguir as respostas das 12 professoras da CMEI “Priscila Ferreira da Silva”. Nota-se que algumas são muito próximas, mas com algo de diferente.

Pergunta 3: De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Tabela 3: respostas das professoras do CMEI “Priscila Ferreira da Silva”.

Identificação	Resposta
Professor 1	<i>Sim, porque trazendo como referência a pessoa do Senhor Jesus sem envolver nomes de denominações.</i>
Professor 2	<i>Sim, abordando apenas a essência dos conceitos.</i>
Professor 3	<i>Acho complicado o máximo que eu falo sobre algo relacionado com religião e quando vamos trabalhar os temas Páscoa e Natal procuro falar o básico.</i>
Professor 4	<i>Sim, é necessário ter um conhecimento prévio sobre o assunto com a turma ou seja conversa sobre o cotidiano e os lugares que costumam frequentar, igrejas por exemplo.</i>
Professor 5	<i>Sim.</i>
Professor 6	<i>Sim, através de músicas, cânticos, etc.</i>
Professor 7	<i>Sim, não envolvendo diretamente as crenças, fazendo um apanhado geral, utilizando orações globais, que ambas ou todas as crenças fazem prática.</i>
Professor 8	<i>Sim. Posso ensinar o certo e o errado de modo que não fale ou priorize uma religião.</i>
Professor 9	<i>Sim, religião é uma crença que envolve valores e é preciso ser ensinada sem necessidade de priorizar ou discriminar.</i>
Professor 10	<i>Sim, tem que ser respeitada a diversidade religiosa existente no Brasil. Não podemos exaltar ou discriminar nenhum tipo de religião, sendo assim pode-se trabalhar conceitos de respeito ao próximo que penso que seja universal em todas as crenças.</i>
Professor 11	<i>Sim, incluindo diversos tipos de religiões no cotidiano escolar.</i>
Professor 12	<i>Considerando que 100% das famílias se confessam cristãs, sim. Conceitos e confissão de fé são coisas distintas, portanto me apropriado dos conceitos e valores cristãos e procuro inseri-los nos temas transversais e na rotina das crianças sem discriminar essa ou aquela religião cristã.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataizes – ES.

Nota-se que nesta escola, somente uma entrevistada (Professora 3) demonstrou não abordar os temas e valores religiosos entre os alunos, enquanto todas as outras entrevistadas acharam meios para abordar os conceitos religiosos sem envolver a religião em si.

Entretanto, “É muito difícil educar um indivíduo sem influenciá-lo; no limite diríamos que é impossível, [...] o educador corre sempre o risco de dar algo de si ao seu educando.”¹⁵⁵ É necessário que o educador seja preparado e qualificado para que ele possa dialogar com seus pares e com outros de religiões distintas, respeitando a diversidade em sua função de educador.

Tabela 4- Respostas do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Sim, acredito que é possível trabalhar com embasamento nos valores: amor, respeito e amizade sem priorizar crenças.</i>
Professor 2	- <i>Sim, acredito que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças estimulando os nossos alunos a exercer sempre o amor, amizade e respeito.</i>
Professor 3	- <i>Sim, o senso religioso está presente no dia a dia, faz parte da rotina diária como na oração para começar o dia, mas quem vai dar o direcionamento tem sempre que ser a família.</i>
Professor 4	- <i>Sim, acredito que em pequenas atitudes como agradecer e ajudar ao próximo não precisa necessariamente falar ou pregar uma religião quando se fala em religiosidade.</i>
Professor 5	- <i>Sim, falando no modo geral sem mencionar religião focando na ética inerente a todos todas as religiões e valores morais.</i>
Professor 6	- <i>Sim. Para isso é necessário conhecer a crença praticada pela família do aluno como a escola se situa em uma comunidade pequena é possível conhecer as práticas religiosas das crianças e assim envolver conceitos religiosos sem discriminação.</i>
Professor 7	- <i>Sim. Deus é um só, o que divide os humanos as religiões são os nomes, se não dividimos as religiões nomeando-as, mas fazendo oração e valorizando os bons sentimentos, as boas ações, olhar para o outro buscando aceitá-lo, as crianças crescerão respeitando a diversidade religiosa desse nosso país.</i>
Professor 8	- <i>Acredito que sim, religiosidade não tem nada a ver com crença, portanto existem vários meios de se trabalhar conceitos religiosos sem discriminar. Os valores são únicos e universais.</i>
Professor 9	- <i>Sim, utilizando o conceito de perdão, no caso de agressão contra um colega em sala de aula.</i>
Professor 10	- <i>Sim, podemos utilizar apenas com valores sem necessidade de falar propriamente de uma crença.</i>
Professor 11	- <i>Com certeza priorizando o respeito, o amor ao próximo, nos tornando pessoas melhores para nós mesmas.</i>
Professor 12	- <i>Sim, falando para nossos alunos, focando sobre a criação de Deus de forma geral, respeitando os seres conforme os ensinamentos de Jesus,</i>

¹⁵⁵ CABANAS, José Maria Quintana. *Teoria da Educação: concepção antinômica da educação*. Porto, Portugal: editora ASA. 2002, p. 243.

	<i>adequando conteúdos que atendam a faixa etária com naturalidade “Amar a Deus sobre todas as coisas, o próximo como a ti mesmo”.</i>
--	--

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

Na tabela 4 as respostas das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana” foram unânimes. Todas elas acreditam que valores como amor, respeito e amizade são bases para a ética e cidadania.

O aluno apresenta uma extensão religiosa que pode ser cultivada na escola, mas sem o domínio de um credo específico. Essa forma de educação considera ser importante a prática religiosa para a completude humana, entretanto, respeitando as escolhas de cada indivíduo. Convém aqui lembrar que o professor “não é aquele que dá respostas doutriniais às perguntas dos alunos, mas aquele que os questiona e os ajuda na construção de suas verdades de fé, nas suas crenças e nas convicções religiosas e os auxilia a construir um sentido para a sua vida”¹⁵⁶.

Pergunta 4: Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Tabela 5: respostas das professoras da CMEI “Priscila Ferreira da Silva”

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Não tenho esse conhecimento, mas, acredito que alguns frequentam algum tipo de religião.</i>
Professor 2	- <i>Sim, mas não todos.</i>
Professor 3	- <i>Alguns.</i>
Professor 4	- <i>A grande maioria frequenta sim.</i>
Professor 5	- <i>A maioria frequenta a igreja.</i>
Professor 6	- <i>Sim.</i>
Professor 7	- <i>Alguns sim.</i>
Professor 8	- <i>Não.</i>
Professor 9	- <i>Sim, pelos comentários dos pais e algumas falas das crianças.</i>
Professor 10	- <i>Sim.</i>
Professor 11	- <i>Não.</i>
Professor 12	- <i>As informações que temos é que 100% das famílias são cristãs, ou seja, catolicismo, protestantismo e kardecista.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

¹⁵⁶ SCUSSEL, Marcos André. *O ser e o fazer no ensino religioso*. Instituto Marista Graças. 2016, p. 10. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st6/Scussel,%20Marcos%20Andre.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

A tabela 5 traz o resultado da quarta pergunta, cujas respostas variaram entre, sim, não, alguns e desconheço, desse modo tem 33% que responderam afirmativamente, 17% negativamente, 42% disseram que alguns alunos, mas não todos frequentam alguma igreja e 8% desconhecem o fato.

Tabela 6: respostas das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Alguns tenho conhecimento, são evangélicos ou católicos.</i>
Professor 2	- <i>Alguns frequentam, outros não vão a igreja alguma.</i>
Professor 3	- <i>Sim, alguns frequentam.</i>
Professor 4	- <i>Sim, frequentam.</i>
Professor 5	- <i>Sim, a maioria frequenta igreja e possui suas crenças.</i>
Professor 6	- <i>Sim. Durante as conversas em sala de aula as crianças fazem comentários sobre acontecimentos ocorridos na igreja que frequentam, orações ensinadas pela família e outras situações.</i>
Professor 7	- <i>Sim. Um grupo não frequenta a igreja, e outro frequenta a igreja evangélica.</i>
Professor 8	- <i>Sim, a maioria frequenta igreja com os pais e os avós e a família.</i>
Professor 9	- <i>Sim, a maioria.</i>
Professor 10	- <i>Sim. Quase todos são evangélicos ou católicos.</i>
Professor 11	- <i>Sim.</i>
Professor 12	- <i>Sim. Através do diálogo constante fazendo diagnóstico, observação da criança e sempre que possível sutilmente ter envolvimento com os pais ou com quem cuida do educando.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

Na tabela 6 as respostas variaram entre, sim e alguns, desse modo tem 67% que responderam afirmativamente e 33% negativamente.

A criança sozinha não se faz religiosa. Ela se constitui através dos pais ou responsáveis por ela. Ela se veste bem para ir às igrejas, ela tem que estar limpa e obedecer a horários e consequentemente torna-se uma prática sem conhecimento do que está por detrás do que é realmente uma religião, mas admitindo-a como uma tarefa importante, tornando essa prática comum e aceitável até determinada idade ou até a morte. E vice-versa, a criança que cresce em um lar que não tem religião, também não terá uma até que tenha uma idade onde seus pensamentos estão formados e possa se orientar e escolher uma religião.

Pires *apud* Santos,¹⁵⁷ informa que crianças de três aos treze anos de idade, interligavam e conceituavam a religião aos templos de suas igrejas e não há um credo específico e também não faziam a distinção de religiões, mas, quando era a elas colocada outra religião, só mostraram repúdio aquelas crianças que passavam dos nove anos de idade, deixavam claro também a proibição de seus pais e na maioria das vezes elas nem sabiam o porquê.

Pergunta 5: Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que têm relação com a religiosidade?

Tabela 7: Respostas das professoras do CMEI “Priscila Ferreira da Silva”.

Identificação	Resposta
Professor 1	<i>Como dito acima sempre que possível geralmente nas aulas de música. Quando possível. Sim percebo que gostam de cantar essa música cantando o nome de Jesus com alegria.</i>
Professor 2	<i>Diariamente no momento dos alimentos e ao iniciar as aulas.</i>
Professor 3	<i>Apenas na hora de agradecer pelo alimento.</i>
Professor 4	<i>Antes das refeições durante a semana de ações de graça ou até em conversas informais.</i>
Professor 5	<i>Pelo menos uma vez ao dia utilizamos músicas que têm relação com religião.</i>
Professor 6	<i>Nas brincadeiras, na hora do banho, etc.</i>
Professor 7	<i>Na hora das refeições.</i>
Professor 8	<i>Sempre na rotina.</i>
Professor 9	<i>Todos os dias, orações e valores. Uma vez por ano projeto ação de graças onde aprendem a agradecer e respeitar as diferenças religiosas. Natal fala-se do nascimento de cristo e usa-se músicas natalinas.</i>
Professor 10	<i>Na hora da alimentação, com mais frequência. Algumas vezes nos momentos em que as crianças estão em conflitos físicos com os colegas.</i>
Professor 11	<i>Projetos como ação de graças.</i>
Professor 12	<i>Com a religiosidade nenhum, mas com os valores referentes ao sagrado, nos momentos de gratidão ao alimento, ao cantar música que louvam, gestos de amor ao próximo, perdão e graça.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

¹⁵⁷ SANTOS, Thais Araujo. *A influência da Educação Religiosa no desenvolvimento da moral*. Brasília, 2013, p. 150.

Tabela 8: Respostas das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Identificação	Resposta
Professor 1	<i>Na chegada na escola, nos momentos que envolvem alimentação em períodos específicos como Páscoa, Dia de Ação de Graças e Natal.</i>
Professor 2	<i>No momento do lanche, almoço e em momentos de conflitos entre os alunos ou então de acordo com o tema trabalhado em sala de aula.</i>
Professor 3	<i>Na oração na hora da chegada, hora do almoço e nos temas geradores como Páscoa, Ação de Graças e Natal, mas sem vinculação com uma religião específica.</i>
Professor 4	<i>Utilizo no dia a dia em momentos e agradecimento e também quando aparece algum conflito.</i>
Professor 5	<i>No dia a dia, nas horas de chegada, almoço, lanche que você entra em um projeto religioso na escola com músicas, dramatização e apresentação de texto.</i>
Professor 6	<i>Geralmente fazemos a oração da manhã na chegada e agradecimento antes das refeições.</i>
Professor 7	<i>Na hora de dormir. Antes das refeições e ao iniciar as atividades da sala de aula.</i>
Professor 8	<i>A todo momento principalmente com alunos da, pois são os que estamos sempre priorizando os ensinamentos dos valores éticos que andam ao lado da religiosidade. A música é nossa grande aliada nessa formação.</i>
Professor 9	<i>Todos os dias nos momentos de refeições, na chegada e despedida dos alunos.</i>
Professor 10	<i>Utilizo através de oração na chegada, nos momentos de lanche e musiquinhas diversas. Além disso em alguns momentos utilizo como forma de conselhos quando acontece algo que precisa de intervenção.</i>
Professor 11	<i>Quase sempre, porém sem priorizar ou até mesmo citar esta ou aquela religião.</i>
Professor 12	<i>Todo tempo, mas sem influenciá-los na prática religiosa que o professor segue.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

Na duas tabela 7 e 8, nota-se que todas as professoras fazem uso de músicas religiosas em diversos momentos do dia letivo.

A música assume um papel chave na produção das identidades culturais. Dessa forma, os usos que os grupos sociais fazem dela são múltiplos e variáveis, e sempre há um valor atribuído pelos sujeitos que vivem daquela prática e nela se reconhecem. Pensar a relação desses

valores desafia a entender que na situação escolar, “as músicas vêm carregadas de significados e enredadas pelo contexto social aos quais os sujeitos-alunos se remetem.”¹⁵⁸

Pergunta 6: Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Tabela 9: Respostas das professoras do CMEI “Priscila Ferreira da Silva”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- Boa.
Professor 2	- Mudanças no comportamento, pois começam a interagir.
Professor 3	- Normal até porque envolve mais valores do que religião.
Professor 4	- Cada um quer falar um pouco do que aprendeu ou aprende na igreja. Gosto bastante de falar sobre o assunto.
Professor 5	- Satisfação.
Professor 6	- São crianças participativas e percebo que eles conhecem quando são cantadas.
Professor 7	- Satisfatórias.
Professor 8	- Quando coloco as músicas e vídeos eles gostam por ser bem coloridas e animadas.
Professor 9	- Às vezes com resistência.
Professor 10	- São muito pequenos e não compreendem ainda, mas é visível antes das refeições. Quando fazemos oração em agradecimento ao alimento, eles sabem que vão almoçar.
Professor 11	- As crianças interagem normalmente com facilidade aos conceitos religiosos participando das atividades.
Professor 12	- Quando é promovido o perdão e o apaziguamento das crianças que brincam, por exemplo, ficam em paz uns com os outros. Quando ouvem histórias bíblicas ficam atentas e entusiasmadas. Quando cantam, fazem gestos demonstrando que entendem e percebem os valores inseridos nas letras.

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

¹⁵⁸ SANTOS, R.M.S.; DIDIER, A.R.; VIEIRA, E.M.; ALFONZO, N.R.. *Pensar música, cultura e educação hoje*. 2011. In: R.M.S. SANTOS (org.), *Música, Cultura e Educação: os múltiplos espaços de educação musical*. Porto Alegre, Sulina, 2012, p. 225.

Tabela 10: Respostas das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Geralmente respeitam e se envolvem.</i>
Professor 2	- <i>No momento recebe de bom grado aquilo que está sendo ensinado, porém por ser uma tendência de esquecer muito rápido é necessário estar sempre inserindo e divisão de conceitos religiosos</i>
Professor 3	- <i>Varia conforme a faixa etária, mas sempre fica atento à explicação.</i>
Professor 4	- <i>Percebo que os alunos se interessam quando você conta uma história explicando sobre o assunto.</i>
Professor 5	- <i>Eles reagem com mudança em seu comportamento com os colegas.</i>
Professor 6	- <i>As crianças gostam muito e participam ativamente com canções de louvor e dos assuntos envolvidos.</i>
Professor 7	- <i>Os alunos participam. A turma desse ano, mas não ficam tranquilos continuam com comportamento agressivo e com atitudes pouco amigáveis.</i>
Professor 8	- <i>os alunos são receptivos a qualquer ensinamento cabe ao professor ter o discernimento do que ensina e como ensina.</i>
Professor 9	- <i>Naturalmente e com alegria.</i>
Professor 10	- <i>Geralmente ficam mais calmos e respeitam.</i>
Professor 11	- <i>Atentos e curiosos, alguns até compartilham conhecimentos por já serem inseridos em algum meio religioso.</i>
Professor 12	- <i>Através da aceitação, comportamento e da forma em que reage o educando.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

No processo educacional faz-se necessário o desenvolvimento de atitudes com relacionamentos de respeito, amizade e cordialidade por parte do professor para contribuir com o aprendizado e não sufocar o desejo do aluno de conhecer. As consequências deste com relação às religiões perduram pela história da educação pública no Brasil e, provavelmente, afetarão não apenas a geração presente, representada pelos adolescentes privados de seu direito de cidadania, de escolher o que é melhor para sua formação, mas também as gerações futuras, crianças que ingressam na escola todos os anos. Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos: deve transcender a duração da vida de homens mortais.¹⁵⁹

Pergunta 7: Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

¹⁵⁹ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Petrópolis: Editora Forense Universitária, 2000, p. 64.

Tabela 11: Respostas das professoras do CMEI “Priscila Ferreira da Silva”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Sim. A música entoada muitas vezes já acalmou crianças e modificou comportamentos pelo menos nos períodos que estamos envolvidos naquele momento.</i>
Professor 2	- <i>Sim, percebo na participação deles a satisfação ao cantar por exemplo músicas religiosas infantis.</i>
Professor 3	- <i>Meus alunos são muito pequenos.</i>
Professor 4	- <i>Sim. Geralmente se tem crianças pequenas uma ideia de alguns temas como Natal, entre outros, o que acabam ligando no final de conversas ao verdadeiro assunto o verdadeiro sentido.</i>
Professor 5	- <i>Sim, percebo através do comportamento.</i>
Professor 6	- <i>Sim, ficam mais calmos e participativos.</i>
Professor 7	- <i>Sim, nas aulas quando fazem algo dito errado, eu particularmente sempre friso “Papai do céu não gosta disso”. Logo se políam e ficam me perguntando algo a respeito.</i>
Professor 8	- <i>Pouco, por serem bem pequenos.</i>
Professor 9	- <i>Sim. As crianças aos poucos mudam o comportamento, aprendem o respeito, compartilham e convivem com as diferenças.</i>
Professor 10	- <i>Não muito, são muito pequenos.</i>
Professor 11	- <i>Não.</i>
Professor 12	- <i>As crianças como todo ser humano parecem se lembrar do que precisa esquecer e esquecer do que precisa se lembrar, portanto, necessário se faz o trabalho constante no sentido de alimentar o espírito e tornar permanente as mudanças. O trabalho é contínuo e diário.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

Foi apontado, na tabela 11, que as crianças passaram a interagir mais ao conversar ou então escutar músicas religiosas, que tiveram um efeito “calmante” sobre elas, enquanto outra entrevistada diz não presenciar nada fora do normal. No entanto, percebe-se que algumas oferecem resistências e outras de acordo com a professora não entendem por ser muito pequenas e só relacionam ao fato que irão se alimentar.

Os alunos se inserem como sujeitos que estão à margem de uma educação laica que tem como ideal trabalhar com a diversidade religiosa na escola. Já se pensa sobre a prática, há sinais de consciência sobre a necessidade do respeito às posições do outro. O compromisso pela paz começa no dia a dia, no relacionamento com o próximo, na maneira como se respeita o semelhante.

Tabela 12: respostas das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Sim, quando falamos, mas nesses valores eles costumam respeitar mais os professores e colegas e o comportamento melhora.</i>
Professor 2	- <i>Sim, através da interação entre eles, pois há momentos em que eles mesmos repreendem um ao outro dizendo que Deus fica triste com o que o outro está fazendo.</i>
Professor 3	- <i>Sim, sempre que se enfatiza o respeito ao colega em situações cotidianas eles logo pedem desculpas e abraçam.</i>
Professor 4	- <i>Sim, em momentos de conflito a agressividade diminui ao longo do ano.</i>
Professor 5	- <i>Sim. Percebe essa mudança no gosto pela música e dramatização e teatro na escola.</i>
Professor 6	- <i>Sim. Observei que mesmo ainda tão pequenos os alunos apresentam postura e atitudes diferentes buscando agir de acordo com o que é ensinado.</i>
Professor 7	- <i>Sim, os alunos ficam mais tranquilos e mais amigáveis.</i>
Professor 8	- <i>As crianças costumam ficar mais sociáveis, aprendem a amar e respeitar os coleguinhas e as pessoas que estão envolvidas no processo.</i>
Professor 9	- <i>Sim, quando utilizamos o conceito do perdão, por exemplo.</i>
Professor 10	- <i>Sim, os alunos respeitam mais e sentem receio de desrespeitar os colegas e o professor.</i>
Professor 11	- <i>Sim, percebo no dia a dia quando o colega faz algo errado e é repreendido por outro que questiona seu comportamento, mediante os ensinamentos da “tia”.</i>
Professor 12	- <i>Sim, exemplo quando o educador canta musiquinhas que falam da existência de Deus e da natureza religiosa, eles reagem cantando ou apresentam comportamentos diferenciados para não se envolver.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

O educador precisa atentar-se para não infringir a Lei. A religiosidade passa a ter um papel e uma responsabilidade de também contribuir para o cultivo do respeito mútuo, pois não existe uma outra maneira de se tentar reunir as mais diferentes crenças religiosas se não houver respeito e diálogo. Na percepção de Paulo Freire, “o diálogo é o encontro dos seres humanos mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, a relação eu-tu.”¹⁶⁰

Pergunta 8: Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas pode causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

¹⁶⁰ FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo, Moraes, 1980, p. 93.

Tabela 13: Respostas das professoras do CMEI “Priscila Ferreira da Silva”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Sim, acredito que a função pode mudar o caráter.</i>
Professor 2	- <i>Sim, quando trabalhamos o lúdico DVD religioso que passa os conceitos religiosos.</i>
Professor 3	- <i>Eu não costumo falar de conceitos religiosos em minhas aulas. Depende do que vai ser abordado, a forma como vai ser, pois existem várias religiões e até mesmo aqueles que não acreditam em nenhuma.</i>
Professor 4	- <i>Sim, é através desses métodos que trabalhamos o respeito ao próximo independente de sua cor de pele, seu status social ou de sua crença, contudo ao meu ver futuramente se tornarão adultos conscientes e saberão respeitar a todos.</i>
Professor 5	- <i>Sim.</i>
Professor 6	- <i>Sim, desde pequeno aprendem a tratar as pessoas com respeito, uma vez que passam 10 horas por dia dentro da creche, chegando em casa apenas para dormir.</i>
Professor 7	- <i>Sim, interfere positivamente no caráter da criança se inserido desde pequena.</i>
Professor 8	- <i>Sim. Incluindo conceitos religiosos através de músicas, historias, entre outros.</i>
Professor 9	- <i>Sim, porém conceitos religiosos são coisas muito abrangentes. Acredito que conhecimento todos deveriam ter. Isso ajuda o cidadão a fazer suas escolhas. Pesquisas apontam índices de situações desconfortáveis que poderiam ser evitadas se esses valores religiosos fossem ensinados na escola.</i>
Professor 10	- <i>Sim, porque pode-se trabalhar a cidadania, conceitos éticos que são corretos.</i>
Professor 11	- <i>Sim, através de músicas, orações, tratamento do dia a dia, etc.</i>
Professor 12	- <i>Sim, não só na rotina pedagógica, digo (com a metodologia), mas em todas as áreas da vida do ser. Entendendo a criança de maneira holística, percebe-se que a criança precisa ser alimentada de maneira elástica, não adianta alimentar o corpo e o cognitivo e as deixar com espiritualidade vazia.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes – ES.

No sentido do educador, a educação religiosa necessita cultivar essa devoção de maneira não confessional, e sim de forma cultural, ensinando valores, despertando críticas, mas, acima de tudo, o respeito por todas as formas de religião. “A missão supõe, evidentemente, a

fé: fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano... é missão muito elevada e difícil, uma vez que supõe, ao mesmo tempo, arte, fé e amor.”¹⁶¹

Tabela 14: Respostas das professoras do CMEI “Dona Lili Brumana”.

Identificação	Resposta
Professor 1	- <i>Sim, a criança convive por um bom período do dia na escola e esse momento também pode ser utilizado para trabalhar esses valores e claro que não podemos priorizar uma crença, mas de forma lúdica é possível se levá-los a refletir sobre o assunto.</i>
Professor 2	- <i>Sim, eu acredito que não a religiosidade em si pode causar impactos, pois ela é apenas um veículo que nos leva ao conhecimento daquele que pode sim causar impactos positivos na formação dos alunos de forma lúdica através de canções levando sempre a refletir sobre suas atitudes e posturas diante das mais variadas situações de seu cotidiano.</i>
Professor 3	- <i>Sim, estamos formando cidadão para uma sociedade menos agressiva e percebendo a nossa volta quantas coisas boas devemos agradecer.</i>
Professor 4	- <i>Sim, quando trabalhamos o lúdico, com DVD's religiosos históricos, histórias bíblicas e música.</i>
Professor 5	<i>Até o presente momento essa relação tem surtido efeito positivo. As crianças se relacionam melhor, aprendem a amar e respeitar o próximo e isso acaba facilitando para que os alunos convivam melhor com uma aprendizagem mais significativa.</i>
Professor 6	<i>Se a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do educando, para exercer sua cidadania, a aquisição de conhecimentos religiosos só vai enriquecer sua formação como cidadão.</i>
Professor 7	- <i>Sim. Podem causar impactos positivos, pois oportunizam a reflexão dos atos e a pensar na consequência das atitudes.</i>
Professor 8	<i>Acredito que sim. Nos dias atuais percebemos que os valores primários da família estão se perdendo, se não nos atentamos a isso teremos cada vez mais pessoas elegantes e com isso uma sociedade sem limites. Religiosidade tem a ver principalmente com o amor ao próximo, valores éticos e morais.</i>
Professor 9	<i>Sim, Portanto relacioná-los às metodologias formam cidadãos mais preparados para enfrentar o mundo.</i>
Professor 10	- <i>Sim, eles passam a respeitar mais, ficam mais carinhosos e compreensivos.</i>
Professor 11	- <i>Sim, é uma forma de promover a bondade, o respeito e outros valores.</i>
Professor 12	<i>Sim, porque desenvolvem no educando sentimentos, atitudes e formação do ser para consigo mesmo e dessa forma ele transmite para seus educandos.</i>

Fonte: pesquisa na Escola de Educação Infantil Marataízes- ES.

¹⁶¹ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 4. ed. Trad. Eloá Jacobina. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Pelo que o quadro acima demonstra, todas as professoras responderam que o uso do discurso religioso teve um bom resultado no comportamento das crianças, pois passaram a obedecer mais e respeitar os colegas evitando birras e brigas.

Parece que a afirmação bíblica (Salmos 111:10) “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria [...]” é confirmada por meio desses dados. Assim, a religiosidade pode influenciar positivamente o comportamento de estudantes, inibindo brigas e coibindo o linguajar indesejável no ambiente escolar. Porém, um estudo aponta que “esses indivíduos inicialmente muito influenciados pelos dogmas religiosos têm um bom comportamento e rendimento escolar, seguindo sua trajetória com sucesso.”¹⁶²

3.3 Compreendendo e analisando as professoras e suas práticas

Ao iniciar essa empreitada, as perguntas que serviram de base catalizadora para a pesquisa foram demasiadas, tais como: “Como o tema religião vem sendo abordado no contexto escolar?”; “Quais valores e conceito religiosos estão sendo abordados?”; “Qual discurso religioso está sendo abordado?”; “De qual educação religiosa estamos falando?”; “Seria viável a inserção da educação religiosa no meio educacional rural?”; “Seria a educação religiosa realmente conscientizadora, crítica e transformadora comportamental?”; “De que forma os alunos reagiriam à abordagem religiosa?” E, por fim, “os professores estariam suficientemente preparados e capacitados para lidar com a religiosidade sem transgredir a laicidade?”.

A fim de atingir o objetivo esperado, foram feitas 24 entrevistas com as professoras que atuavam juntamente a esses alunos. Ao final da análise dos dados notou-se que nenhuma das professoras fez menção ao PCNER ou a qualquer outro dispositivo legal que impeça ou favoreça a aplicação de conteúdos relacionados à religião, o que leva a crer que a questão de abordar esses valores é muito comum nas escolas, mesmo aquelas públicas não confessionais.

Visto que o termo valores é ambíguo e sua conotação pode variar de autor para autor e de época para época, como, então, falar de valores em discussões mais específicas, onde se envereda para os campos da ética e da moral?. Pode-se dizer que valores são princípios éticos “com os quais as pessoas sentem um forte compromisso emocional e que empregam para julgar as condutas.”¹⁶³ Portanto, valores são princípios que servem de norteadores para as decisões e

¹⁶² CERDEIRA, D. G. da S. *Religiosidade e experiência de escolarização juvenil: Resultados de um Survey no Rio de Janeiro*. Monografia. UFRJ, Rio de Janeiro, 2003, p. 5.

¹⁶³ SARABIA, B. *As atitudes: conceituação e sua inclusão nos novos currículos*. COLL, C. et al. *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 127.

comportamentos éticos dos indivíduos. Sob esse sentido, no meio educacional, há algum tempo o termo “valores” vem sendo muito evocado.

Se o enfoque ético e a educação em valores estão sendo aplicados como forma de ensino religioso, isso simplifica e reduz a ética a uma metodologia a ser adotada, pois ao analisar o que a escola deve fazer em termos de educação ética, dentro do contexto social atual, democrático e pluralista que não possui valores consensuais, se depara com uma escola cuja educação está gravemente desnordeada com relação à formação em valores.

há tantas disparidades que a todo o momento nos encontramos à porta do relativismo. Não só as diferenças culturais de nível macro, como as existentes entre o primeiro e o terceiro mundos, mas também as de nível micro, existentes no interior das sociedades entre os vários grupos sociais, culturais e étnicos exigem formas diferenciadas de educação ética. A escola que deve servir e respeitar a todos encontra-se ante um desafio de difícil solução.¹⁶⁴

A laicidade também preservou os mesmos princípios e valores éticos, ainda que seja com base diferente, assim ao aluno cabe aceitar e reconhecer as normas e valores morais vigentes na sociedade a ele transmitidos. A educação, nesses moldes, fica reduzida somente à socialização. “Assim sendo, basta assumir como princípios orientadores do comportamento moral aqueles valores que presumivelmente serão predominantes no futuro.”¹⁶⁵

É necessária uma discussão sobre valores pelos diversos membros da escola e uma opção por uma metodologia para ensiná-los, seja os professores, em sua formação inicial e continuada, seja os alunos, pois não cabe transmitir valores de forma doutrinal, moral e cívica militar, como também não se pode adotar uma posição relativista sobre a educação em valores éticos, cívicos e morais. É preciso que a escola adote um procedimento democrático de educação em valores alternativos às posições doutrinárias ou relativistas. Dessa forma, a educação em valores pode ser entendida como um dos aspectos da educação integral, por perpassar todas as dimensões da formação humana.¹⁶⁶

Embora na escola os alunos precisem ser educados para obedecer, observar e reconhecer as normas porque representam uma forma de regular a convivência, acredita que o professor não pode assumir uma função central como autoridade moral ditando regras prontas, fixas e imutáveis para o agir do aluno. Tampouco pode reduzir essas reflexões ao âmbito do indivíduo.

¹⁶⁴ GOERGEN, Pedro. *Educação e valores no mundo contemporâneo*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial - Out. 2005, p. 985.

¹⁶⁵ C.f. GOERGEN, Pedro. 2005, p. 995.

¹⁶⁶ MENIN, Maria Suzana De Stefano. *Valores na escola*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002, p. 91.

A formação moral é um processo complexo que abriga diversos aspectos, desde a incorporação das convenções sociais até a formação da consciência moral autônoma. As formas de aquisição de tais requisitos incluem a reflexão e as atitudes pessoais até os sentimentos e comportamentos que são estimulados pela educação formal ou informal, como também pela simbiose ou mímese cultural. A educação moral, entendida como o conjunto de todos estes movimentos, é um processo de construção sócio-cultural da personalidade ou do sujeito moral.¹⁶⁷

Ao avaliar quantitativamente a relação dos alunos com a religiosidade as professoras notaram que quando são aplicados conceitos religiosos os alunos passam a apresentar melhoras no comportamento na sala e no rendimento escolar. Visto que as professoras afirmaram que os alunos engajados em suas religiões são mais controlados e menos indisciplinados. Maior parte das professoras afirmou que os alunos frequentam igreja sim e que se dividem entre católicos e evangélicos.

O que se nota a partir das respostas e observações das professoras é que o temor a Deus/religião e a observância dos princípios religiosos tem influenciado positivamente no rendimento escolar. Ou seja, quanto maior o temor a Deus/religião melhor tem sido o rendimento escolar dos alunos religiosos. O temor a Deus/religião tem também apresentado uma grande influência no comportamento dos alunos no que diz respeito à disposição em estudar em casa. O que de certa forma está ligado ao rendimento desses alunos.

Precisa-se considerar a forma como é feita abordagem das representações religiosas, e como estas estão sendo aplicadas no universo escolar. Sabe-se que o Ensino Religioso insere-se na trajetória da educação nacional através das relações estabelecidas entre o Estado e a Igreja Católica, e que mesmo com a implementação do Estado laico, alguns vínculos, práticas ou costumes ainda se mantêm.

Isso mostra que a introdução e manutenção do Ensino Religioso na escola pública se dá por razões que não são propriamente pedagógicas, mas antes político-ideológicas, estando, portanto repletas de interesses que não propriamente os do campo educacional.

No entanto, nota-se, através das repostas de algumas professoras, que o ensino religioso não é uma tarefa muito fácil e que nem sempre consegue atrair e prender a atenção dos alunos, isso sem mencionar que algumas professoras não trabalham com esses conceitos em sala de aula.

A questão do ensino religioso inserido na sala de aula dividiu a opinião das professoras. A maioria das professoras acredita que esse ensino deve fazer parte do dia a dia

¹⁶⁷ GOERGEN, Pedro. *Educação e valores no mundo contemporâneo*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial - Out. 2005, p. 1005.

letivo e justifica os valores sociais inculcados desde a infância através da religião, ou de Deus, mas sempre levando em consideração que esses valores independem de credo, ou manifestação religiosa, e que são adquiridos também pelas experiências e ensinamentos da família, dos amigos, da sociedade e das experiências pessoais de cada indivíduo e não em uma ou outra religião.

Quase todas as professoras entrevistadas levam de uma forma ou outra a religiosidade e seus ensinamentos para sala de aula sem a devida autorização dos pais e da nossa constituição. Contudo, percebe-se que mesmo tendo professores que acreditam que os valores morais são adquiridos com a religião, existe ainda aqueles que não. A religião não precisa estar inserida no contexto escolar, pois é uma escolha da pessoa como ser social livre. Assim, não cabe a escola influenciar de forma alguma neste sentido.

Outra questão polêmica com quase maioria absoluta de respostas sim, é a questão de falar sobre Deus com os alunos. Mas, para alguns isso significa banir a liberdade religiosa, ou mesmo a falta da religiosidade, pois de que Deus está se falando em sala de aula? E aqueles que não acreditam em nenhum como ficam nesse meio? Hoje se vive em um país com uma grande diversidade religiosa, sem falar da quantidade de ateus que vem aumentando e que também merece respeito.

Mas, mesmo assim, esse fato não impede de falar sobre Deus, pois cada um vai entender como sendo direcionado para seu próprio Deus e não o Deus católico, evangélico, budista ou qualquer outro que exista nesse mundo de diversidade. Visto que as professoras em momento algum fazem menção a um credo ou religião específica. Mas, ainda assim, para alguns falar sobre “Deus”, demonstra falta de respeito ao cenário educacional brasileiro quanto à sua laicidade.

Talvez o fato da diversidade e do sincretismo religioso fazerem parte de nossa população torna para muitos a tarefa de falar sobre religião ou valores religiosos dentro da sala de aula muito difícil, quase impossível, pois é preciso respeitar a democracia, tentando uma abordagem que não invada a particularidade das pessoas e elas não se sintam constrangidas ou mesmo para que não aja preconceito para com aquelas pessoas que não admitem nenhum credo.

Outra questão importante e muito perigosa é o fato de o professor trazer a sua própria religião para a sala de aula e tentar impô-la aos seus alunos. Todavia, esse fato não cabe nessa pesquisa, pois nenhuma professora tentou de alguma forma impor uma religião ou outra, nem mesmo a dela própria, já que nesse contexto ela estaria transgredindo a lei.

Mas, será que os alunos entendem o que está sendo ensinado, levando em consideração que estamos lidando com crianças de até 4 anos de idade? Torna-se bem difícil. Trata-se de

uma idade na qual a criança ainda não desenvolveu-se moral e psicologicamente, o que pode aludir a uma obediência forçada pelo medo ou pelo receio de não agradar à professora ou colega, e correr o risco de ser criticada. A criança que vai a igreja, vai por imposição de sua família, por que é um costume, ela não tem noção nessa idade do que tem por detrás de todos os rituais e pregações que são feitos. Ela não sabe a diferença de uma religião e outra a não ser por falas de seus pais. Então, não há fundamento para que os professores digam que a criança tem pensamento cognitivo para entender o complexo religioso que as cerca e só vão entender por volta dos onze anos de idade aproximadamente.

Como visto, quase todas as professoras responderam que as crianças se interessam e prestam atenção quando elas falam sobre religião, talvez isso se deve ao fato de as crianças serem receptoras fáceis e muitas vezes acreditam em tudo que lhes falam. Não se impõem com facilidade ainda mais se vier da escola e professora. É importante salientar que todas as professoras focaram nos valores e não na religião em si.



CONCLUSÃO

As práticas religiosas nas escolas públicas do Brasil sempre foram tema de debates e conflitos, afinal a Constituição já deixou explícita a preservação do direito de liberdade religiosa apesar da laicidade do país, no entanto há quem diga que a laicidade vem sendo violada desde a Educação Infantil com a introdução dos discursos religiosos adotados pelos educadores.

Há de se entender que a história religiosa no Brasil teve início com os colonizadores portugueses gerando conflitos ao tentarem impor a fé cristã aos índios e aos escravos conquistados. Daquela época até os dias atuais foram sendo discutidas diversas formas de se colocar a religião dentro do espaço escolar sem ferir a liberdade do outro e abrangendo todas as religiões.

No que diz respeito às questões político-pedagógicas, pode-se notar que as marcas da religiosidade se fazem presentes nas instituições públicas que foram alvo desta pesquisa e que são destinadas ao atendimento das crianças pequenas e isso vem ocorrendo ao longo da história da educação brasileira. Assim, a religião tem exercido forte influência sobre os conteúdos e as práticas ao longo dos tempos. Desde as primeiras iniciativas educacionais, as rezas, orações, canções, hinos e histórias de temática religiosa faziam parte da proposta pedagógica das primeiras creches e pré-escolas públicas, desde o final do século XIX e até o início do século XX.

Contudo, em pleno século XXI, ainda é notável a presença de orações, canções e histórias de cunho religioso nas escolas públicas de Educação Infantil, mesmo diante das restrições da legislação educacional, como foi observado nas escolas pesquisadas e pelas respostas das professoras.

A LDB/96, lei no 9.475/97, no seu artigo 33, conferiu ao Ensino Religioso nas escolas públicas o caráter facultativo. A legislação educacional de Marataízes- ES, em consonância com LDB/96, oferece a disciplina de Ensino Religioso facultativo, somente no Ensino Fundamental. Portanto, mesmo diante da não existência formalizada da disciplina para a Educação Infantil na legislação, tanto no âmbito federal quanto municipal, constatou-se a presença de marcas religiosas nas duas instituições destinadas somente à educação de crianças pequenas na cidade acima citada.

A LDB é pouco clara quanto à religiosidade, deixando espaço para a escola e o professor fazerem uso e interpretar a dita lei da forma que bem entenderem. Faz-se necessária que a LDB seja revisada, trabalhada e atualizada de acordo com as legislações pertinentes, para que de fato existam escolas que lutam por um bem comum.

Do ponto de vista legal laico, quase todas as professoras de Educação Infantil entrevistadas, poderiam ser acusadas de violar a liberdade de crença ao fazerem uso de hinos, músicas ou orações de agradecimento pelo alimento, todas de cunho religioso, mas o que se averiguou é que esses termos religiosos destinados às crianças abordavam principalmente as temáticas da disciplina e da moral, da bondade e do respeito pelos outros e pela diversidade, ou seja, usava-se a bondade, o ser bom, para tratar da disciplina e da moral. O ser ético que se tornará um cidadão do bem que respeita os valores que o próprio governo laico impõe sobre todos.

Partindo da assertiva que entende a escola como espaço disseminador do saber e construtor das práticas sociais, e entendendo que essas práticas envolvem valores morais e éticos, pode-se dizer que não existiria os empecilhos legais para a escola educar os alunos para esses valores, cabendo assim aos educadores se sentirem responsáveis por uma prática educacional que proporcione a essas crianças um espaço de aprendizagem com liberdade e diversidade, respeitando a todos em suas diferenças, evitando a propagação de práticas desrespeitosas ou preconceituosas se essas surgirem. Assim, em certos momentos, a prática da religiosidade acaba buscando preencher as lacunas educacionais deixadas pelas famílias, buscando preparar as crianças para o Ensino Fundamental.

Entende-se que a escola é um lugar de aprender e educar e não é lugar de pregação religiosa seja de qual denominação for. Entende-se que pela lei, rezar antes dos lanches ou antes de entrar na sala de aula é completamente inconstitucional. As escolas precisam assumir seu papel legal e constitucional de promover aprendizagem e socialização e deixar que a família assuma papéis pessoais. Mas, essa mesma constituição permite a facultatividade do Ensino Religioso, não impõe e nem proíbe.

As crianças precisam ser ensinadas com os valores e moral e professoras capacitadas podem lidar com a situação tendo boas condutas, educação, valores e uma moral digna de um cidadão brasileiro e não atributos de sua religião ou de qualquer uma que seja. Há líderes religiosos bons, ruins, honestos e corruptos, como também existem laicos sem nenhum valor moral ou ético. Os valores religiosos apenas contribuem para agregar, contudo é necessário saber como aplicar esses ensinamentos.

Por fim, para se pensar na aplicação de temas relacionados à religião, é muito importante adotar uma forma sensata de pensar e promover o ensino que seja articulada e contextualizada. Para tanto, é preciso que os professores tenham claro qual é a identidade, propósito e eixos organizadores em sua rede de ensino. Logo, também é necessário que se compreenda melhor a questão da diversidade como algo a ser ensinado na vida escolar, não

apenas relacionada à religiosidade, como disciplina de Ensino Religioso ou ensinamentos relacionados.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Olivette Rufino Prado. *Atividade lúdica. Reelaborando conceitos e ressignificando a prática na educação infantil*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). CCSA, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- ALMEIDA, Paulo Nunes. *Atividade Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Paulo, SP: Loyola, 2003.
- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. *Dewey: Jogo e Filosofia da experiência democrática*. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). *O Brincar e Suas Teorias*. São Paulo : Pioneira, 2002. Dewey: Jogo e Filosofia da experiência democrática. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). *O Brincar e Suas Teorias*. São Paulo : Pioneira, 2002.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, São Paulo: Papirus,,3ª edição. Série Prática Pedagógica., 1995.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. (Org.) et all. *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- ANGOTTI, Maristela. *Semeando o trabalho docente*. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de. (org.). *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez, 2010.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. Ed Moderna. São Paulo. 2000.
- ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton. *Brincadeira de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin*. São Paulo, SP: Xamã, 2006.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro. LCT, 2006.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LCT, 1981.
- ARRIBAS, Teresa Lleixà. *Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar*. 5. ed., Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- AULT, Ruth. *Desenvolvimento cognitivo da criança: a teoria de Piaget e a abordagem de processo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BARBOSA, Maria Carmem. *Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a Reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília, MEC: 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso em: 22 out. 2107.
- BARROS, Celia Silva Guimarães. *Pontos da Psicologia do Desenvolvimento – 3ª Ed.*, SP: Ática, 1993.
- BARROS, Celia Silva Guimarães. *Pontos da Psicologia do Desenvolvimento – 7ª Ed.*, SP: Ática, 1998.
- BOMTEMPO, Edda. *Brinquedoteca: espaço de observação da criança e do brinquedo*. In: FRIEDMANN, Adriana. et al. *O Direito de Brincar: a brinquedoteca*. 4ª ed. São Paulo : Edições Sociais : Abring, 1998.

BRANCO, Jordanna Castelo. *A presença do discurso religioso em uma Escola de Educação Infantil da rede pública de ensino do município de Duque de Caxias*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. 2012.

BRANCO, Jordanna Castelo; FERNANDES, Vânia Claudia. *Práticas religiosas na educação infantil: a religião em duas escolas públicas no município do rio de janeiro*. XVI ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. Campinas. 2012, p.1

BRANDÃO, M. D. Dênis e CREMA, Roberto. *Visão Holística em Psicologia e Educação*. 2. ed.. São Paulo: Summus, 1991.

BRASIL. *Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, *Lei das diretrizes e bases da educação*, n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2017.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 201 que altera a Lei n.9.394/96, de 20 de dezembro [online]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art7>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e dos Desportos. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília,1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Pró-letramento: alfabetização e linguagem*. Brasília: MEC/SEB, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. *Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2009.*

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n. 5, de 17 de dezembro de 2009. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://www.siteal.iipe.unesco.org/sites/default/files/bra-_educacion_infantil.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 22/1998. Brasília: MEC/CNE/CEB, 1998, p.01. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/parecer_ceb_22.98.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009, p.02 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 10 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares da Educação Básica. Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica. Brasília. Junho de 2009, p. 22. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizes_curriculares_consolidado.pdf>. Acesso em: 14 set. 2017.

BRASIL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional [online]. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6Nacional_Desenvolvimento/ldb%20lei%20no%204.024,%20de%2020%20de%20dezembro%20de%201961.htm>. Acesso em: 25 out. 2017.

BRASIL. LEI Nº 9.475, DE 22 DE JULHO DE 1997. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, 1997 [online]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9475.htm>. Acesso em: 25 out. 2017.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e Cultura*. São Paulo, SP: Cortez, 1997.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Criança e Brinquedo: feitos um para o outro?* In: COSTA, Marisa Vorraber. *Estudos Culturais em Educação*. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2000.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

CABANAS, José Maria Quintana. *Teoria da Educação: concepção antinômica da educação*. Porto, Portugal: editora ASA. 2002.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CARVALHO, Eronilda Maria Góis de.. *Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas*. Ilhéus: Editus, 2003

CASTORINA, José Antônio . *O debate Piaget-Vygotsky – A busca de um critério para sua avaliação*. In: CASTORINA, José Antônio . et al. (Ed.). *Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 1995.

CERDEIRA, D. G. da S. *Religiosidade e experiência de escolarização juvenil: Resultados de um Survey no Rio de Janeiro*. Monografia. UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

CLARO, Ana Lucia de Araújo; CITTOLIN, Simone Francescon. *O currículo na Educação Infantil: uma análise teórica*. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/571-0.pdf>. Acesso em: 6 out. 2017.

CLOYD, Betty Shannon. *Papai do céu... ensinando o valor da oração*. São Paulo: Eclésia, 2000.

COUTO, Inalda Alice Pimentel e MELO, Valéria Galo de. *Reconstruindo a história do atendimento à infância no Brasil*. Rio de Janeiro. 1998.

CUNHA, Luiz Antonio. *O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

DAVIS, Claudia Leme Ferreira.; GROSBAUM, Marta Wolak. *Sucesso de todos, compromisso da escola*. In: VIEIRA, Sofia Lerche. (Org.). *Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

DOLLE, Jean-Marie. *Para além de Freud e Piaget*. Petrópolis: Vozes, 1993

DOMINGOS, Marília de Franceschi Neto. *Escola e laicidade: o modelo Francês*. *Interações – Cultura e Comunidade*, v. 3, n° 4, p. 153-170, 2008.

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. *Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância*. *Revista de Estudos da Religião*. ISSN 1677-1222. Setembro. 2009.

DOMINGUES, Thaiane de Góis; SAHEB, Daniele; VAZ, Fabiana Andrea Barbosa. *As Novas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - Parecer CNE/CEB Nº 20/2009*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, de 7 a 10 de Nov. de 2011.

DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. In: *Educar em Revista*, n. 24, Editora UFPR, Curitiba: 2004.

DURKHEIM, David Émile. *Educação e sociologia*. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski*. *Cadernos Cedes*, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril. 2004.

FAGUNDES, Marcia Botelho. “*Aprendendo Valores Éticos*” ed. Belo Horizonte Autentica, 2000.

FERREIRA, Amauri Carlos. *Ensino Religioso nas fronteiras da Ética*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. *O Ensino Religioso no Brasil - tendências, conquistas e perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.

FORUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO (FONAPER). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso*. 7.ed. São Paulo: Ave Maria, 2009.

FRASER, M. T. D. e GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. In: *Paidéia*, v. 14, n 28, Bahia: 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes Necessário a Prática Educativa*. Editora. EGA. São Paulo, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. et al. *A evolução do brincar*. In: FRIEDMANN, Adriana. et al. *O direito de brincar: a brinquedoteca*. 4ª ed. São Paulo : Edições Sociais : Abruinq, 1998.

GATTI, Bernadete Angelina. *Formação de professores no Brasil: características e problemas*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out-dez. 2010. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

GHEDINI, Robson. *Elementos de uma Educação Religiosa Infantil Relevante*. Teologia & Espiritualidade – Revista Eletrônica da Faculdade Cristã de Curitiba.1998,. Disponível em: <http://www.fatadc.com.br/site/revista/2_edicao/Artigo_4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

GOERGEN, Pedro. *Educação e valores no mundo contemporâneo*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 983-1011, Especial - Out. 2005.

GONÇALVES FILHO, Tarcízio. *Ensino Religioso e a formação do ser político*. Uma proposta para a consciência de cidadania,. (Col. ERE – série fundamental). Petrópolis: Vozes, 1998.

GONZALEZ, Jose Antônio Torres. *Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GUIMARÃES, Daniela; NUNES, Maria Fernanda; LEITE, Maria Isabel. *História, cultura e expressão: fundamentos na formação do professor*. In: KRAMER, Sônia et al (orgs). *Infância e educação infantil*. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus. 6ª edição, 2007.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Ed DP&A. Rio de Janeiro. 2003.

HENTZ, Maria Izabel de Bortoli. *A formação do sujeito: Tecendo uma compreensão*. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1311/1122>>. Acesso em: 20 out. 2017.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Ed Zahar. Rio de Janeiro. 1995.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo, SP: Pioneira Thomsom Learning, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Pedagogia e a formação de professores (as) de Educação Infantil*, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/48_artigos_kishimototm.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.

- KOHAN, Walter Omar. *Infância - Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- KRAMER, Sônia. *De que professor precisamos para a educação infantil?* In: Revista Pátio Educação Infantil, ano I, n. 2. Rio de Janeiro, Ago/Nov 2003.
- KRAMER, Sonia. *Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica*. In. MOREIRA, Antônio Flavio. *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- KUHLMANN JR., Moysés, FERNANDES, Rogerio. *Sobre a história da infância*. In: FARIA FILHO, L. M.(Org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. 1992, p. 36.
- LARROYO, Francisco. *História geral da pedagogia*. São Paulo: Mestre Jou, 1999.
- LEONTIEV. Alexis Nikolaevich. *O desenvolvimento do psiquismo humano*. São Paulo: Moraes,1979.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINELLI, Marilu. *Aulas de Transformação*. 4ª ed. São Paulo: Peirópolis. 1996.
- MARTINS, Lígia Márcia. *A natureza histórico-social da personalidade*. *Cadernos Cedes*. vol. 24, n. 62, p. 82-99. Campinas, 2004.
- MARTINS, Vicente. *A Prática de Valores na Escola*. 2005. [online] Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=12:artigos-de-usuarios&id=192:a-pratica-de-valores-na-escola>. Acesso em: 10 set. 2017.
- MEINEL, Kurt. *Motricidade 1: Teoria da motricidade esportiva sob o aspecto pedagógico*. Rio de janeiro: ao livro técnico, 1984.
- MELLO, Suely Amaral. *As Práticas Educativas e as Conquistas de Desenvolvimento das Crianças Pequenas*. In: RODRIGUES, Elaine; ROSIN, Sheila Maria (Orgs). *Infância e Práticas educativas*. Maringá –PR: Eduem, 2007.
- MELLO, Suely Amaral. *Infância e Humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural*. In: Revista Perspectiva, v. 25, n. 1. Florianópolis, Jan/Jun 2007.
- MENIN, Maria Suzana De Stefano. *Valores na escola*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002.
- MICARELLO, Hilda. *Avaliação e Transições na Educação Infantil*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 03. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7163-2-11-avaliacao-transicoes-hilda-micarello/file>>. Acesso em: 15 set. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

MORAIS, Maria Nasaluce de. *A Diversidade Religiosa e a Disciplina Ensino Religioso na E.E.E.F.M. José Nominando. Água Branca*. Paraíba. 2014.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 4. ed. Trad. Eloá Jacobina. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORO, Maria Lucia Faria. *Implicações da epistemologia genética de Piaget para a educação*. In: Placco, Vera Maria Nigro de Souza. (org.). *Psicologia e Educação: revendo contribuições*. São Paulo, Fapesp/Educ. 2002.

NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. *Currículo e práticas pedagógicas na educação infantil*. Revista Criança do Professor de Educação Infantil, n 43, p.14-17. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/revista43.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2017.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. *Textos Básicos de Educação Pré-Escolar*. São Paulo: Ática, 1990.

NÓVOA, António Sampaio da (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2007.

OLIVEIRA, Lilian Blanck de et al. JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. ALVES, Luiz Alberto Sousa. KEIM, Ernesto Jacob. *Ensino religioso: no ensino fundamental*. 1ªed. SP: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *O Currículo Na Educação Infantil: O Que Propõem As Novas Diretrizes Nacionais?*. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>>. Acesso em: 05 out. 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade. A criança em foco*. 2012.

PALANGANA, Isilda Campaner. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social*. São Paulo: Plexus, 1994

PASSAMA, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. *A História da Educação Infantil*. Revista Científica Eletrônica De Pedagogia. Periódico Semestral. Ano VII, n. 13. Janeiro de 2009, p.2. disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wLWD9GTfD1VmODz_2013-6-28-15-56-4.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018

PEREZ, Carmen Lúcia Vidal. *Com lápis de cor e varinha de condão... Um processo de aprendizagem da leitura e da escrita*. In: GARCIA, R. L. (Org.). *Revisitando a pré-escola*. 2ª ed. São Paulo: Cortez: 1993

PEREIRA, Liliana Patrícia Lemus Sepúlveda; MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. *A identidade e a crise do profissional docente*. In: BRZEZINSKI, Iria (org.). *Profissão Professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano Editora, 2002.

PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PIAGET, Jean. *Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. *A adaptação da criança no tempo e no espaço da Educação Infantil e o trabalho com as diversas linguagens*. In: *Fundamentos da Educação Infantil*. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2010.

PILETTI, CLAUDINO. *Didática geral*. 23ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

POLETTI, Ronaldo. Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, *Constituições Brasileiras*, 1934, 3ª. ed. Brasília. 2012. Disponível em: <<https://www2.Senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137602/ConstituicoesBrasileirasv31934.pdf?sequence=10>>. Acesso em: 25 out. 2017.

PRIORE, Mary del. *O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia*. In: *Historia da criança no Brasil*. São Paulo. editora: Contexto, 1991.

RANQUETAT, César Jr. *Religião em sala de aula: o ensino religioso nas escolas públicas brasileiras*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, São Paulo, n.1, 2007. Disponível em: <www.csonline.ufjf.br/artigos/arquivos/religiao.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

RAPOSO, Gustavo de Resende. *A educação na Constituição Federal de 1988*. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 641, 10 abr. 2005. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/6574/a-educacao-na-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

RAYA, Luis Carlos. *Educação: Caminho para a liberdade*. São Paulo: Livraria Brasil, 1982.

REBOUL, Olivier, *A Filosofia da Educação*, Editora Edições 70, Lisboa, Portugal. 2000.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. *A organização escolar no contexto da consolidação do modelo agrário-exportador dependente*. In: _____, *Historia da Educação Brasileira: a organização escolar*. 15. Ed. Campinas – Sp: Autores associados, 1988.

SALVADOR, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. vol. 3. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. *Educação Para a Diversidade: Uma Prática a Ser Construída na Educação Básica*. Produção Didático-Pedagógica – Caderno Temático– apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. *Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche*. 4.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, R.M.S.; DIDIER, A.R.; VIEIRA, E.M.; ALFONZO, N.R. 2011. Pensar música, cultura e educação hoje. In: R.M.S. SANTOS (org.), *Música, Cultura e Educação: os múltiplos espaços de educação musical*. Porto Alegre, Sulina, 2012.

SANTOS, Thais Araujo. *A influência da Educação Religiosa no desenvolvimento da moral*. Brasília, 2013.

SARABIA, B. *As atitudes: conceituação e sua inclusão nos novos currículos*. COLL, C. et al. *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAYEGH, Flavia. As relações entre desenvolvimento e aprendizagem para Piaget e Vygotsky. 2006, p. 5-6. Artigo. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=884>>. Acesso em: 10 out. 2017.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 6 ed. Campinas: Autores Associados, 1997, p.11-12. (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, v. 40).

SCUSSEL, Marcos André. *O ser e o fazer no ensino religioso*. Instituto Marista Graças. 2016, p.13. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st6/Scussel,%20Marcos%20Andre.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SILVA, Bruno Luciano de Paiva. *Um novo conceito de Ensino Religioso: para uma formação integral do educando*. 2012, [online]. Disponível em: <<http://blog.newtonpaiva.br/pos/e5s29-um-novo-conceito-de-ensino-religioso-para-uma-formacao-integral-do-educando/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

SILVA, Eliane Moura da. *Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania*. Revista de Estudos da Religião, nº 2. 2004, p. 3; disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, Raylenn Barros da. *Historia do Ensino Religioso no Brasil: limites e desafios para um ensino Humanitário*. UNICAMP. São Paulo. 2002.

SOUZA FILHO, Marcilio Lira de. *Relações Entre Aprendizagem e Desenvolvimento Em Piaget e Em Vygotsky: Dicotomia Ou Compatibilidade?* Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 265-275, jan./abr. 2008.

SOUZA, Solange Jobim; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. *Infância conhecimento e contemporaneidade*. In: KRAMER, Sônia (Orgs.). *Infância e produção cultural*. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

VALÉRIO, Denise Bezerra. *O Ensino Religioso Na Escola: Uma Questão Complexa*. ARCOVERDE – PE. Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação “Lato Sensu” Em Programação do Ensino de História do Centro de Ensino Superior de Arcoverde-CESA em convênio com a Universidade de Pernambuco - UPE, como cumprimento às exigências para obtenção do título de especialista. 2008. Disponível em: <http://www.gper.com.br/documentos/00119_ensino_religioso_escola.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

VIANNA, Cláudia. RIDENTI, Sandra, *Relações de Gênero e Escola: das diferenças ao preconceito*. In: AQUINO, Julio Groppa (org.): *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZIMMERMANN, Roque. *O Ensino Religioso: uma grande mudança*. Brasília: Câmara dos deputados, n. 46, 1998.



ANEXOS 1

Questionários aplicados às professoras do CMEI Dona Lili Brumana

3

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CEMI "Dona Lili Brumana"

Idade: 30 anos Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 18/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

Seis anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Costumo utilizar nos horários de entrada e refeições, sempre para agradecer.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, acredito que em pequenas atitudes como agradecer, ajudar o próximo, não precisa necessariamente falar ou pregar uma religião quando se fala em religiosidade.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim, frequentam.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Utilizo no dia-dia em momentos de agradecimento e também quando aparece algum conflito.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Percebo que os alunos se interessam quando você conta uma história explicando sobre o assunto.

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, em momentos de conflito a agressividade diminui ao longo do ano.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, estamos formando cidadãos para uma sociedade menos agressiva e percebendo a nessa volta quantas coisas boas devemos agradecer.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI Ânna Laili Brumana

Idade: 37 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 18/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

3 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. Para isso é necessário conhecer a crença praticada pela família do aluno. Como já a escola se situa em uma comunidade pequena, é possível conhecer as práticas realizadas pelas crianças, e assim, envolver conceitos religiosos sem discriminações.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim. Durante as conversas em sala de aula as crianças fazem comentários sobre acontecimentos ocorridos na igreja, que frequentam, orações ensinadas pela família e outras situações.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Geralmente fazemos a oração da manhã na chegada e agradecimento antes das refeições.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

As crianças gostam muito e participam ativamente com conceitos de lavar e dos assentos envolvidos.

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim. Observei que mesmo ainda tão pequenos os alunos apresentam posturas e atitudes diferentes, buscando agir de acordo com o que é ensinado.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Atualmente unicamente essa relação tem vertido efeito positivo. As crianças se relacionam melhor, aprendem a amar e respeitar o próximo, e isso acaba facilitando para que os alunos convivam melhor com uma aprendizagem mais significativa.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI Dona Lili Brumana II

Idade: 56 Sexo: () Masculino (+) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 19/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

2 anos e 9 meses

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. (U) Deus é um só, e que divide os homens, as religiões são os nomes. Se não dividirmos as religiões nomeando-as, mas fazendo orações e valorizando os bons sentimentos, as boas ações, e olhar para o outro buscando aceitar-lo as crenças cresçam e se tornam do a diversidade religiosa de um novo país.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim. Um grupo não frequenta igreja, o outro frequenta a igreja evangélica.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Na hora de dormir, ou às vezes das reflexões e ao iniciar as atividades de sala de aula.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Os alunos participam (mas a turma deste ano) mas não ficam tranquilos, continuam com o comportamento agressivo e com atitudes pouco amigáveis.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, os alunos ficam mais tranquilos e mais amigáveis.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim podem causar impactos positivos pois oportunizam a reflexão dos atos e a pessoa na conscientização das atitudes.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: EMEI Wena Sili Buumama

Idade: 48 Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 11/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

16 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Acredito sim. Religiosidade não tem nada haver com crença, portanto existe vários meios de se trabalhar conceitos religiosos sem discriminar. Os valores são únicos e universais.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim. A maioria frequentam igreja junto aos pais, avós...

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

A todo momento. Principalmente com alunos da E.I., pois são os que estamos sempre priorizando os ensinamentos dos valores éticos que andam ao lado da religiosidade. A música é nesta grande aliada nesta formação.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Os alunos da E.I. são receptivos à qualquer ensinamento. Cabe ao professor ter o discernimento do que ensinar e como ensinar.

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

As crianças costumam ficar mais sociáveis. Aprendem a amar e respeitar os coleguinhas e as pessoas que estão envolvidas no processo.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Acredito sim. Nos dias atuais percebemos que os valores primários da família estão se perdendo. Se nos atentarmos a isso teremos cada vez mais pessoas delinquentes e com isso uma sociedade sem limites.

Religiosidade tem: haver principalmente com o amor ao próximo, valores éticos e morais, portanto relacioná-los as metodologias, formam cidadãos mais preparados para enfrentar o mundo.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI: Iona Bili Brumana¹ 2.

Idade: 38 anos Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 12/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

10 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, sempre uso conceitos religiosos em minhas aulas.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, acredito que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças. Estimulando os nossos alunos a exercer sempre o amor, a amizade e o respeito.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Tenho conhecimento sim, alguns deles frequentam, outros não vão a igreja alguma.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

No momento do lanche, jantar, em momentos de conflitos entre os alunos, ou então de acordo com o tema trabalhado em sala de aula.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

No momento recebem de bom grado aquilo que está sendo ensinado, porém possui uma tendência de esquecer muito rápida, é necessário estar sempre inserindo e utilizando conceitos religiosos.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, através da interação entre eles, pois há momentos em que eles mesmos repreendem um ao outro, dizendo que Deus fica triste com o que o outro está fazendo.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, eu acredito que não a religiosidade em si, pode causar impactos, pois ela é apenas um veículo que nos leva ao conhecimento. É aquele que pode sim causar impactos positivos na formação dos alunos. De forma lúdica, através de canções, levando-os sempre a refletir sobre suas atitudes e posturas diante das mais variadas situações de seu cotidiano.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: Creche: Dona Lili Humanaⁿⁱ

Idade: 47 Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 18/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

Há 4 anos.

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, é um conteúdo que faz parte do cotidiano do aluno fraternidade, respeito, amor, valores humanos, essencial para a construção do indivíduo.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, o senso religioso está presente no dia a dia, faz parte da rotina diária. Como na hora para começar o dia, mas quem vai dar o direcionamento tem sempre que ser a família.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim, alguns frequentam.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Na hora da hora da chegada, hora do almoço, nos temas geradores como páscoa, ação de graças, natal, mas sem vincular com uma religião específica.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

varia conforme a faixa etária de idade,
mas sempre ficam atentos a explicações.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, sempre que se enfatiza o respeito ao colega em situações cotidianas, eles logo pedem desculpa aborçãõs.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Se a finalidade da educação é o pleno desenvolvimento do educando, para exercer sua cidadania, a aquisição de conhecimentos religiosos só vai enriquecer a sua formação como cidadão.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "DONA LILI BRUMANA"

Idade: 55 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 20/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

HA' 17 ANOS.

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

SIM

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

SIM, FALANDO DE MODO GERAL SEM MENCIONAR RELIGIAO ESPECÍFICA, FOCANDO NA ÉTICA INERENTE A TODAS AS RELIGIÕES E VALORES MORAIS.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

SIM A MAIORIA FREQUENTAM IGREJAS CRISTÃS E POSSUEM SUAS CRENÇAS.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

NO DIA-A-DIA, NAS HORAS DA CHEGADA, ALMOÇO, LANCHE E OUTROS.
NOS PROJETOS REALIZADOS NA ESCOLA COM MÚSICAS E DRAMATIZAÇÃO.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

ELES REAGEM COM MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO.

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

SIM. PERCEBO ESSA MUDANÇA ATRAVÉS DO GOSTO PELA MÚSICA E TEATROS NA ESCOLA.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

SIM. QUANDO TRABALHAMOS O LÚDICO.
EX: DVD RELIGIOSOS, HISTÓRIAS BÍBLICAS E MÚSICAS

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "DONA LILI BRUMANA"

Idade: 58 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 15/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

1 ANOS

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

SIM

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

SIM. FALANDO PARA NOSSOS EDUCANDO SOBRE A CRIAÇÃO DE DEUS DE FORMA GERAL, RESPEITANDO OS SERES CONFORME OS ENSINAMENTOS DE JESUS, ADEQUANDO CONTEÚDOS QUE ATENDA A FAIXA ETÁRIA COM NATURALIDADE. "AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS, O PRÓXIMO COMO A TI MESMO."

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

SIM. ATRAVÉS DO DIÁLOGO CONSTANTE FAZENDO DIAGNÓSTICO, OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA E SEMPRE QUE POSSÍVEL SUTILMENTE TER ENVOLVIMENTO COM OS PAIS OU QUEM CUIDA DO EDUCANDO.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

TODO TEMPO, MAS SEM INFLUENCIÁ-LOS NA PRÁTICA RELIGIOSA QUE O PROFESSOR SEQUE.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

ATRAVÉS DA ACEITAÇÃO, COMPORTAMENTO E DA FORMA EM QUE REAGE O EDUCANDO.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

SIM. EXEMPLO: QUANDO O EDUCADOR CANTA MUSIQUINHAS QUE FALAM DA EXISTÊNCIA DE DEUS E OU DA NATUREZA RELIGIOSA ELAS REAGEM CANTANDO OU APRESENTA COMPORTAMENTOS DIFERENCIADOS PARA NÃO SE ENVOLVER.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

SIM. PORQUE DESENVOLVE NO EDUCANDO SENTIMENTOS, ATITUDES E FORMAÇÃO DO SER PARA CONSIGO MESMO E DESSA FORMA ELE TRANSMITE PARA SEUS EDUCANDOS.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "DONA LILI BRUMANA"

Idade: 36 Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 12/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

HÁ 3 ANOS

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

ESPORADICAMENTE

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

COM CERTEZA, PRIORIZANDO O RESPEITO, AMOR AO PRÓXIMO,
NO TORNANDO PESSOAS MELHORES PARA NÓS MESMOS.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

SIM.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

QUASE SEMPRE, PORÉM SEM PRIORIZAR OU ATÉ MESMO CITAR
ESTA OU AQUELA RELIGIÃO.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

4

ATENTOS E CURIOSOS. ALGUNS ATÉ COMPARTILHAM CONHE-
CIMENTOS POR JÁ SEREM INSERIDOS EM ALGUM MEIO
RELIGIOSO.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

SIM. PERCEBO NO DIA-A-DIA QUANDO O COLEGA FAZ
ALGO ERRADO E É REPREENDIDO POR OUTRO QUE QUESTIONA
SEU COMPORTAMENTO MEDIANTE AOS ENSINAMENTOS DA
"TIA".

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

SIM. POIS O ALUNO TEM A OPORTUNIDADE DE VIVENCIAR
EXPERIÊNCIAS DAS QUAIS MUITAS VEZES NÃO POSSUI EM
CASA.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: Cmei " Dona Lili Brunara "

Idade: 35 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 20/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

11 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. Acredito que é possível trabalhar com embasamento nos valores, amor, respeito, amizade sem priorizar crenças.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Alguns tenho conhecimento. São evangélicos e católicos.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Na chegada da escola, nos momentos que envolvem a alimentação e em períodos específicos como Páscoa, dia de ação de graças e natal.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Geralmente respeitam e se enrochem.

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim. Quando falamos mais nesses valores eles costumam respeitar mais os professores e colegas e o comportamento melhora.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim. A criança convive por um bom período do dia na escola e este momento também pode ser utilizado para trabalhar esses valores.

É claro que não podemos priorizar uma crença mas de forma lúdica é possível sim levá-los a refletir sobre o assunto.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CEMI "Dona Fátima Brumma"

Idade: 27 anos Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 14/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

Quatro anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, como orações de agradecimento no horário das refeições.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, utilizando o conceito de perdão, no caso de agressão contra um colega em sala de aula, por exemplo.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim, a maioria.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Todos os dias, como nos momentos de refeições, na chegada e despedida dos alunos.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

naturalmente, e com alegria.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, quando utilizamos o conceito de perdão, por exemplo.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, eles passam a respeitar mais, ficam mais carinhosos e compreensivos.

12

3

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Dona Lili Brumana"

Idade: 33 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 14/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

6 anos.

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, sempre utilizei.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. Podemos utilizar apenas como valores, sem necessidade de falar propriamente de uma crença.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim. Quase todos são evangélicos ou católicos.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Utilizo através de oração na chegada, nos momentos do lanche e músicas. Além disso, em alguns momentos utilizo como forma de conselhos quando acontece algo que precisa de intervenção.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

4

Geralmente ficam mais calmos, respeitam.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim. Os alunos respeitam mais e sentem receio de desrespeitar os colegas e professor.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim. É uma forma de promover a bondade, respeito e outros valores.

ANEXOS A

Questionários aplicados às professoras do CMEI Priscila Ferreira da Silva

3

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Priscila Ferreira da Silva"

Idade: 36 Sexo: () Masculino Feminino

Data do preenchimento do questionário: 14/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

6 Anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Com certeza!

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

A maioria frequentam igrejas.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Pelo menos uma vez no dia, utilizamos músicas que tem relação com religião.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Satisfação

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim. Percebo através do comportamento.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI Priscila Ferreira da Silva

Idade: 34 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 20/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

15 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, abordando apenas a essência dos conceitos.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim, não todos

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Diariamente, no momento dos alimentos e ao iniciar as aulas.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

4

Mudanças no comportamento, pois começam a interagir.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, percebo uma participação deles e a satisfação ao cantar, por serem pelo músicas religiosas infantis.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, quando trabalhamos o lúdico. Ex: DVD religiosos que passam os conceitos religiosos.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Pascila Lourenço da Silva"

Idade: 34 Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 13/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

6 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

sim, sempre que possível

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

sim; sempre evitando como referência, a figura do senhor Jesus, sem envolver nomes de denominações.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

nao tenho esse conhecimento; mas acredito que alguns frequentem algum tipo de religião.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Como dito acima, sempre que possível - geralmente nos aulas músicas (quando possível).

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

4

Lucas que gostam de cantar; eles ouviam músicas
recontando o nome de Jesus, há alguma coisa

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim; a música entoadada muitas vezes já aguçava
atenção e modificava comportamentos (pelo menos nos períodos
que estamos envolvidos de naqueles momentos).

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim; acredito que a fé pode moldar o caráter.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Luizela Ferreira da Silva"

Idade: 31 Sexo: () Masculino () Feminino

Data do preenchimento do questionário: 18/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

2 anos e 8 meses

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Não.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Acho complicado. O máximo que eu falo sobre algo relacionado com religião são quando vamos trabalhar os temas: Páscoa, Natal... Preciso falar o básico.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Alguns eu conheço

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Apenas na hora de agradecer o alimento (almorço).

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Normal. Até porque entendo mais valores do que religiões.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

meus alunos são muito pequenos e eu não costumo falar de conceitos religiosos em minhas aulas.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Depende do que vai ser abordado, a forma como vai ser. Por existir várias religiões e até mesmo aqueles que não acreditam em nenhuma.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Rincão Lúcio da Silva"

Idade: 30 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 12/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

2 anos e 9 meses.

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, todos os dias.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. É necessário ter um conhecimento prévio sobre o assunto com a turma, ou seja, conhecer sobre o cotidiano e os lugares que costumam frequentar (igreja).

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

A grande maioria frequenta, sim.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Antes dos rezinhos, durante a semana de "Ciclo de jogos" ou até em conversas informais.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Cada um que falar um pouco do que aprendeu e aprende na igreja, gerando bastante de falar sobre o assunto

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim. Quabmonte se tem (caixões pequenos) uma ideia de alguns temas como "natal" entre outros de pascoas, o que acabou chegando no final de concursos de velocidade sentido.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim. É através desses métodos que trabalhamos o respeito ao próximo independente de sua cor de pele, seu status social, ou de sua cunha. Contudo ao mesmo tempo futuramente se tornarem adultos conscientes e salvos respeito a todos.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CEMEI "Priscila Ferreira da Silva"

Idade: 54 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 21/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

04 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Considerando que 100% das famílias se consideram cristãs. Sim, conceitos e conceitos de fé são coisas distintas, portanto me aproprio dos conceitos e valores cristãos e procuro inseri-los nos temas transversais e na rotina das crianças, sem discriminar essa ou aquela religião cristã.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

As informações que tenho é que 100% das famílias são cristãs, ou seja, catolicismo, protestantismo e evangélico.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Faço a religiosidade nenhuma, mas faço os valores inerentes ao sagrado nos momentos de gratidão ao alimento, ao cantar música que tenham gestos de amor ao próximo, perdão e graça.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Quando é promovido o perdão e o apaziguamento das crianças que brincam, por exemplo, ficam em paz uns com os outros.
Quando ouvem histórias bíblicas ficam atentas e interessadas.
Quando cantam fazem gestos demonstrando que entendem e percebem os valores inseridos nas letras.

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

A criança como todo ser humano, parece se lembrar do que precisa esquecer e esquecer do que precisa se lembrar, portanto, necessário se faz trabalho constante, no sentido de alimentar o espírito e formar permanentemente as memórias.
O trabalho é contínuo e diário.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, não só na rotina pedagógica, digo (com a metodologia), mas em todas as áreas da vida do ser.
Entendendo a criança de maneira holística, percebe-se que a criança precisa ser alimentada de maneira holística, não adianta alimentar o corpo e o fôlego e se deixar morrer espiritualmente vazias!

ANEXOS B

Questionários aplicados às professoras do CMEI Priscila Ferreira da Silva

3

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI Priscila "Ferreira da Silva"

Idade: 51 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 11/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

Desde de 2006.

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, orações na hora da refeição.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, incluindo diversos tipos de religiões no cotidiano escolar.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Não.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Projetos, "Oração de graças".

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

As crianças interagem normalmente com facilidade os conceitos religiosos participando das atividades.

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

nao.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, através de músicas, orações, tratamento do dia-a-dia, etc...

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Priscila Ferreira da Silva"

Idade: 39 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 12/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

08 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

sim, trabalho através de música, cântico, etc...

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

sim, sim.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

nas brincadeiras, na hora do lanche, etc...

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

São crianças participativas e percebo que eles a conhecem com as cantadas quando

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, ficam mais calmos e participativos.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, desde pequeno aprende a tratar as pessoas com respeito, uma vez que passa 10 horas por dia dentro da igreja, chegando em casa apenas para dormir.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI Priscila Ferreira da Silva

Idade: 27 anos Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 13/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

Há 6 anos.

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim.

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. Não envolvendo diretamente as crenças, fazendo um apelo geral, utilizando "orações" globais, que ambas ou todas crenças fazem prática.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Alguns sim.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Na hora das rezadeiras.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim. Nas aulas quando fazem algo dito "errado", eu particularmente sempre fiz o "Papai do céu não gosta disso!". Logo se policiam e ficam me perguntando algo a respeito.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim. Acredito que interfere positivamente no caráter da criança, se inserido desde pequena.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CEMEI "Ribeira Ladeira da Bahia"

Idade: 31 Sexo: () Masculino () Feminino

Data do preenchimento do questionário: 20/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

3 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. Posso ensinar o certo e errado, de modo, que não fale ou priorize uma religião.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

não

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Sempre, na rotina

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

Quando coloco as músicas, eles gostam; por ser bem colorida e animada

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, por serem bem pequenos.

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim. Incluindo conceitos religiosos, através de músicas, histórias, entre outras.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CMEI "Puxada Fereira da Silva"

Idade: 41 Sexo: () Masculino (X) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 15/12/2017

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

3 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim. Tem que ser respeitada a diversidade religiosa existente no Brasil. Não podemos exaltar ou discriminar nenhum tipo de religião, sendo assim pode-se trabalhar conceitos de respeito ao próximo que permeie que seja universal em todas as crenças.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

Na hora da alimentação, com mais frequência. Algumas vezes nas brincadeiras em que as crianças estão em conflitos, discussões com os colegas.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

são muito pequenos e não compreendem
 nada. Mas é visível antes das refeições.
 Quando fazem oração em agradecimento
 ao alimento eles sabem que vão almoçar
 (continua)

7 – Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Não muito. São muito pequenos. Maximo 20mg,

8 – Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim. Porque pode-se trabalhar a cidadania, conceitos
 etícos que são bons.

FORMULÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO COM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL
DA REDE MUNICIPAL DE MARATAÍZES/ ES

Escola: CEMEI "Princesa Leocádia da Silva"

Idade: 55 Sexo: () Masculino (x) Feminino

Data do preenchimento do questionário: 14/12/17

1 - Há quanto tempo você trabalha como professor (a) de Educação Infantil?

5 anos

2 - Durante sua vida profissional como professor(a) de Educação Infantil já utilizou e/ou utiliza conceitos religiosos durante as aulas?

Sim, oração com as crianças e valores

3 - De acordo com os seus conhecimentos sobre religiosidade e sua prática em sala de aula, você acredita que é possível envolver conceitos religiosos sem priorizar ou discriminar crenças? Como?

Sim, religião é uma crença que envolve valores e precisa ser ensinada sem necessidade de priorizar e discriminar.

4 - Em relação aos seus alunos, você tem conhecimento se frequentam igrejas, possuem crenças?

Sim, pelo comentário dos pais e por algumas falas das crianças.

5 - Com que frequência, em quais momentos das aulas utiliza palavras, músicas, ritos, conselhos e outras metodologias que tem relação com a religiosidade?

- Todos os dias, oração e valores
- Uma vez no ano, projeto ação de graças, onde aprendem agradecer e respeitar as diferenças religiosas.
- natal - fala-se do nascimento de Cristo e usa-se músicas natalinas.

6 - Nesses momentos em que utiliza conceitos religiosos como percebe a reação dos alunos?

As vezes com resistência

7 - Você já observou mudança de comportamento dos alunos após o uso dos conceitos religiosos? Se Sim, como percebe essas mudanças?

Sim, as mudanças aos poucos mudam o comportamento, aprendem o respeito, compartilhar e conviver com as diferenças.

8 - Você acredita que relacionar a religiosidade com metodologias pedagógicas podem causar impactos positivos na formação dos alunos? De que forma?

Sim, porém, conceitos religiosos é muito abrangente. Acredito que conhecimentos todos deveriam ter, isso ajudaria o cidadão fazer suas escolhas. Pesquisas apontam índices de situações desfavoráveis, que poderia ser evitado se esses valores religiosos fossem ensinados na escola.